

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º

LISBOA, MAIO-JUNHO DE 1942

N.º 17

O NEO-ESPIRITUALISMO NA SUA MARCHA E ELEVAÇÃO CRISTÃ

por Adolfo Ramires

VENHO dar hoje satisfação ao encargo que tomei, sobre convite que há tempos recebi de quem, com muita inteligência e invulgar dedicação, dirige esta notável revista de *Estudos Psíquicos*. Já me pesa a demora no tempo decorrido, e mais me pesaria faltar ao compromisso tomado. Não corresponderei eu ao que de mim talvez se esperava, nem sequer, no que deixarei escrito, o mérito da espontaneidade, — nada mais que cumprir um encargo, dizendo o que penso sobre uma nova orientação do Espiritualismo, considerada hoje superior doutrina.

O Espiritualismo é o culto do Espírito acima da matéria; admirando em tôdas as suas manifestações a obra da Criação, é a religião da Natureza. Não é porém, na forma da sua religiosidade, como na sua moral e filosofia, o panteísmo de Spinoza — embora neste o princípio de que a Natureza é Deus — nem o velho panteísmo oriental, e muito menos o panteísmo alemão de Fichet, de conceito inferior, inteiramente errado.

O Neo-espiritualismo uma religião é,

pois assim se diz de tudo que se segue com elevado culto; vai porém além do vulgar Espiritualismo, porque tem no seu domínio o conhecimento de fenómenos supra-normais, e, pelos preceitos que encerra, constitui bem uma doutrina, que devemos fielmente seguir, pois fundamentalmente há nela o culto do que, como perfeito, só está em Deus, — o culto dessa outra trindade sublime que é a Verdade, o Bem e a Justiça. Não se diz o Belo, porque este, através dos nossos sentidos ou da nossa razão, dentro do Bem está, pela feliz impressão que deixa na alma.

Ligada a uma filosofia que lhe é própria, daí vêm para o Neo-espiritualismo conclusões de singular importância, — pois ela analisa, aprecia e encadeia conhecimentos que não escapam ao Neo-espiritualismo, e de que êle tira proveito. Como religião, doutrina, filosofia e moral, tem em si fonte inesgotável de conforto para a alma, e de estímulo à inteligência. De conforto seguro em ocorrências que, por assás estranhas, nos parecem incompatíveis com a Justiça divina, ameaçando a nossa Fé,

e com ela a Esperança, o último refúgio dos aflitos.

Na verdade, fóra do verdadeiro Espiritualismo, sólidamente religioso, quantas vezes nascerá a dúvida, vendo alguém que, praticando o Bem neste mundo, o atravessa sempre como um desgraçado! Quantas vezes ela virá, vendo a fome e a ruína caírem sobre criaturas que nenhum mal fizeram — tanto no homem isolado como em multidão — nas lutas e nas guerras que assolam a Humanidade.

Mas, no conhecimento da Reencarnação e do Karma encontramos a explicação de tudo, pensando que, em seu destino nesta existência, a justiça de Deus agrupa, vindos de toda a parte, e em novo envólucro carnal reúne, aquêles que contas têm a saldar para a sua evolução, — para a passagem por outra mais feliz existência.

¿Qual a religião ou doutrina, fóra do Neo-espiritualismo que tudo isto nos explique, destruindo a tormentosa dúvida, mantendo-nos a Fé, a confiança absoluta na Justiça divina? É êsse o ponto fraco, insanável, de outras religiões—nada pode resolvê-lo — e ainda aqui se vê o firme alcance desta religião e de seu corpo doutrinário. Para a propaganda do Neo-espiritualismo, é êste um dos argumentos mais importantes, pois, por mais voltas que se lhe dê, é êle em absoluto irrefutável.

Noutras ocorrências, não raras nesta vida, inteiramente obscuras na sua causa, tão estranhas também são, abre-nos o Neo-espiritualismo a razão e fornece a explicação que fóra dêle não atingiríamos. ¿Que psicologia poderá explicar-nos o proceder do homem que, tendo sido toda a vida honesto, sem taras hereditárias que nêle incidam, um dia veio em que deixou de o ser? ¿O amigo sempre leal ao seu amigo, que em dado momento o enganou e traiu? ¿O casal, durante anos sempre feliz, aí dominando a lealdade e a ternura, passa a uma vida infernal, sem motivo real ou aparente? E, mais raro, criatura homem ou mulher que a outra criatura se consagra — fóra do instinto carnal, se esta é mais idosa — aquela mostrando-se piedosa e boa com o seu semelhante, exercendo a caridade... e, tempo passa, vindo também dia em que, sorrindo-lhe sempre, com mil subterfúgios procura iludi-la, e por fim a abandona?

Nenhum ramo da ciência das Faculdades

pode explicar casos desta natureza, em que freqüentemente a ciência nova reconhece estados de obsessão, que ela pode fazer desaparecer.

Fora dêsse campo psíquico, há males estranhos que affectam o corpo, sem sinal sintomático, sem síndrome que esteja dentro da patologia corrente ou, se lá está, não consegue a medicina resolver. Chamam-lhe *desequilíbrios*, — palavra vaga em que a ignorância se esconde, e que nada explica, nada nos diz, porque de *desequilíbrios* orgânicos ou não orgânicos vêm todos os males.

Não são, felizmente, freqüentes estes casos, mas de facto existem — sem taras que os justifiquem — e quando de investigação minuciosa, recorrendo a todos os meios de análise, o resultado vem negativo, ainda aqui é quâsi seguro tratar-se também de estados semelhantes de obsessão, produzindo graves desarranjos, que a medicina corrente não pode reconhecer nem remediar. Como nos outros, conhece-os esta nova ciência e, por processos que lhe são próprios, sabe curá-los, e assim tem feito, — de tudo havendo positivas provas, e delas segura documentação, que causa o espanto a quem a êstes conhecimentos é estranho.

Obra de feitiçaria? ¡Santa feitiçaria essa que estes espiritualistas exercem, invocando em meio do tratamento ao doente, um anjo tutelar, erguendo as mãos ao Céu em ferverosa prece!

Por tudo isto se vê a sua acção moral e, no valor dos seus conhecimentos, o vasto alcance dos seus recursos, — já claramente se descortinando hoje o lugar elevado que o Destino lhe reserva, a bem da Humanidade.

O Neo-espiritualismo não é incompatível com os progressos da ciência materialista, —aquêles que são úteis ao bem-estar físico. Nós não sabemos até onde êle entrou na crença de todos os homens que, por seu génio, têm concorrido para êsse bem-estar do corpo, como Hertz, Roentgen, Branly, Curie e outros; sabemos porém que na antiguidade um se destacou — Paracelso — o maior de todos os tempos, que larga obra deixou na Medicina e outros ramos do saber humano, e que muito elevado espiritualista se revelou, — como Goethe nos séculos dezoito e dezanove,

como Steiner no século actual, e recentemente Lakhovsky, já assás conhecido pelo novo horizonte que abriu à ciência, na sua teoria da «Oscilação Celular», e que em perfeito Neo-espiritualismo aparece numa das suas obras (*L'Éternité, la Vie et la Mort*).

Entre tantos espiritualistas que na ciência e na literatura lugar de destaque conquistaram, citamos estes porque, se o último ainda não é, a esta hora, de conhecimento geral, raro é fazer-se referência aos outros, não obstante a elevação do seu pensamento e valor da obra que nos legaram.

O Neo-espiritualismo avança, e tempos virão em que êle dominará a razão e o sentimento. O que a nós cumpre, acima de tudo, é mostrar que se êle veio do espiritismo antigo, nascido no Oriente, frequentemente grosseiro e especulativo, hoje é bem, na sua orientação e amplitude, uma forma mais elevada ao serviço da Humanidade, — ou seja, superior doutrina, e nela a cultura do espírito, primeiro que tudo, no âmbito e caminho da sua elevação moral: como tal tem tido o aplauso de notáveis e elevados sacerdotes da Igreja católica.

Vê-se pois que, felizmente, se vai reconhecendo o vasto alcance dêste moderno culto, do qual, em uma das suas práticas mais importantes para a vida e vãos do espírito, foi Allan Kardec, como se sabe, o pontífice máximo no seu progresso e expansão ocidental. A Teosofia, de origem mais recente, veio cientificamente consagrá-lo, naquilo que com êle tem de comum, destacando-se aí nomes notáveis, como o de Annie Besant, entre tantos, e mais recentemente, ainda em maior destaque, o do grande Rodolfo Steiner, — êsse espírito extraordinário, cuja visão supranormal, incidindo também na ciência materialista, nela introduziu novos conhecimentos, não lhe escapando, como médico, a Fisiologia e a Medicina.

Para sua expansão por todo o mundo cristão se trabalha, mostrando que o objectivo do Neo-espiritualismo, acima de tudo, é o culto da obra do Criador, em todos os seus designios, em tudo que dêle nos aproxima. É no seu alto significado, o culto do Bem, da Verdade e da Justiça, nos nossos deveres de fraternidade evangélica, repelindo tudo que com ela é incompatível,

— em maior repulsa pois, o ódio, a inveja, a soberba e a mentira.

A mentira, na vida social, de todos os lados nos rodeia, frequentemente como fruto de uma viciosa educação, quando não tem mais grave determinante. Basta reparar no que se passa todos os dias no meio em que vivemos, em que são vulgares afirmações de uma simpatia ou estima que se não sente, de sentimentos afectivos que não existem ou, pelo menos, no grau em que êles se afirmam — todos nós disso temos sido vítimas—e quando inconfessável interresse tal determina, está aí a hipocrisia, parente próxima da traição. Grave falha essa é, das mais graves, e aquêles que nela insiste pesadas contas tem a dar ao supremo juiz de tôdas as nossas acções.

Mas, aberta uma vez a consciência em auto-observação severa, se ela fôr verdadeiramente severa, de cima lhe promoverão quando menos espere, o encontro de alma superior que o ampare e guie, com o tino que, na marcha da vida dão a lucidez e a idade. E então, que a ela se consagre com firmeza, sem essa triste volubilidade que, na Terra, caracteriza a fragilidade humana, bem prejudicial à nossa evolução.

Em plena juventude, para estes lados da Terra, o homem tem a sensibilidade aberta a outras impressões bem diferentes que a suscitam. Não é o mesmo numa parte do Oriente; dali, onde o Redentor nasceu, nos têm vindo úteis lições, pois em alguns países, um dos primeiros sentimentos que se cultivam é o de inspirar aos novos a ternura pelas crianças, e o respeito e ternura pelos velhos, satisfazendo quanto possível as suas necessidades e desejos. Tem-se aí a crença, que de origem superior terá vindo, de que o desprêzo pelas crianças e a falta de piedade, a mentira, a duplicidade, para com os velhos, serão sempre castigados em seus autores ou na sua descendência.

Há nisso na verdade piedade, que no espiritualista deve andar acompanhada de tolerância para com as fraquezas alheias, — regulada tolerância naquilo que não fira sentimentos de dignidade, nem atinja a Justiça, acompanhando-a sempre de suave ensinamento, que entre na razão e acorde a consciência. Nunca eu esqueci lição que sobre êsse sentimento a um velho e muito querido amigo ouvi, fóra da cátedra, pro-

fessor dos mais ilustres de Direito, e como homem sempre inalteravelmente direito na vida.

O Neo-espiritualismo marcha em todos os países do Ocidente: vai devagar, pois está fóra de todo materialismo, mas caminha sempre — o firme conhecimento que disso tenho e sua importância me inspiram estas linhas — e, no dia em que se estenda a todo mundo, estará realizado o seu ideal cristão. Extintos todos êsses sentimentos inferiores que têm orientado uma parte da Humanidade — além do ódio, da inveja e da vaidade, a desordenada ambição — não mais haverá motivo legítimo de lutas, não haverá castas, — aquelas que vêm do triunfo material, tantas vezes nascidas de pais incógnitos no valor, ou de adultério em transações de lucros inconfessáveis, — respeitando-se sempre e animando as que são filhas legítimas do valor moral, da inteligência e do saber.

Para isso porém temos de trabalhar, pela palavra escrita, pela palestra, — devendo nesta a exposição ser clara, acessível, pondo de parte expressões que nem todos entendem, lançadas por certo auto-magnetismo de eloquência; e nessas conferências ou familiares palestras, devemos levar bem ao espírito de todos a Fé e a Esperança — aí é que tem todo o alcance a eloquência oratória — sem as quais, nestes tempos de dificuldades de tóda a ordem, nascem e se propagam a amargura e o desânimo, quando não é, para fóra, pessimismo como aquêle que orientou tóda a obra de Schopenhauer, e o ateísmo e espírito de reacção em tudo de Nietzsche.

Muito por certo se deve ao materialismo científico, mas só em parte limitada do nosso bem-estar físico, pois, reparando bem, veremos logo que os progressos da electricidade e da mecânica, principalmente, aperfeiçoando e embaratecendo a produção, multiplicaram por tóda a parte o desemprego, — e dêsse caminhar veloz, cada vez maior, desgraçado futuro virá para a Humanidade, armada a fome na luta da miséria. Êsse mal, que certo capitalismo agrava, procurando a legislação especial em alguns países evitar, êsse mal só o Espiritualismo poderá no futuro corrigir ou atenuar.

Reparemos ainda que a ciência materia-

lista, de todo dêle isolada, tem servido, na aplicação das suas descobertas, muito mais para destruir que para edificar, — e dêsse tortuoso avanço visão clara teve, há pouco mais de um século, êsse grande espiritualista que foi Goethe, génio dos maiores da Humanidade, reconhecendo com tristeza o caminho errado em que seguia a ciência. As conseqüências dessa infeliz orientação estamos nós assistindo agora, vendo bem que a novas descobertas, a novas invenções, se deve a morte, a ruína, a devastação sem precedentes da guerra actual.

Quem escreve estas linhas, no rumo que seguiu na vida, seu pensamento durante longos anos quási só de materialismo se ocupou. Perdeu tempo? Não. Se o que o estudo lhe deu de alguma coisa serviu, para marchar no caminho que o destino lhe traçou, mais serviu para ficar sabendo hoje que essa ciência a que se consagrou bem pouco vale, isolada, para o futuro da Humanidade.

Não será julgada irreflectida esta conclusão, pois o acolhimento generosamente dispensado cá e lá fóra (só em refôrço dela se faz agora referência) a quem escreve estas linhas, no que tem dado a público, deve-o muito menos ao que o seu estudo valha — bem pouco isso é — que ao rigor que o autor costuma pôr nas suas conclusões. Esta afirmação oferece àquêles que a esta hora, por ignorância, ainda ousem sorrir do Neo-espiritualismo.

Não temos de que nos admirar. Em todos os tempos, aparece o sorriso, levanta-se a reacção sempre que surge uma idéia nova, por sua natureza inteiramente afastada do que até ali cabia no pensar humano. Na antiguidade, chegou isso a feroz perseguição, ninguém o ignora; e, no nosso tempo, todos se lembram da forte incredulidade com que foi recebida a fundamental descoberta de Pasteur, de que nasceu tóda a Microbiologia; o mesmo há meio século com a dos «raios x»; o mesmo com as sensacionais revelações de Mesmer, e depois também com o hipnotismo, etc. Sempre por tóda a parte o sorriso, o desdém, a ironia.

Também eu — funda saudade me liga a êsse tempo que passou — não pouco me ri do Espiritismo, até ao momento em que nos seus mistérios me iniciou uma ilustre senhora da nossa primeira sociedade, espí-

rito culto e superiormente lúcido, que tive a fortuna de conhecer na linha de Cascais, onde ela veraneava. Deixei então de rir, atribuindo porém aquilo que observei a reacções ainda desconhecidas da matéria, inteiramente fora da ciência actual, que um dia ela desvendaria. Anos decorridos, a um dos nossos sábios médicos — mentalidade superior, daquelas que mais têm trabalhado, com notável brilho, pelo Neo-espiritualismo em Portugal — para êle chamou tôda a minha atenção, e nessa superior religião-doutrina lhe fiquei eu devendo o meu baptismo. Não o esqueço; não o esquecerei nunca.

Entre nós, sobretudo, mas também lá fóra, ainda há, até é vulgar, quem olhe para tudo isto com desdém. Não será assim amanhã. Dentro do Neo-espiritualismo, no seu campo experimental, numerosas observações se têm colhido, como atrás se disse, e da sua coordenação uma nova ciência se vai formando, — e tal é ela que um dos maiores sábios dêste século, o prof. Charles Richet — já a êle aqui nos referimos, tão ilustre destaque tem o seu nome — não hesitou em declarar no prefácio de uma obra alemã sôbre doutrina espirita, estarmos à beira de uma ciência nova, ao pé da qual, aquela que se conhece, a começar pela sua (disse êle) vale zero.

Semelhante nota, lançada a todo o mundo por um sábio materialista dos de mais alta reputação, que à Fisiologia humana tantos conhecimentos novos deu, alguma coisa é, alguma coisa em que todos os que hoje sorriem devem meditar, de tão alto ela vem.

Em seu avanço no mundo, o Neo-espiritualismo, modificando taras hereditárias do instinto animal, frequentemente em alucinada luta pela vida, elevará a resignação, uma das grandes defesas da alma em meio da desventura. Mas, tem êle de se expandir, formando apóstolos que nos mostrem o caminho do Bem, e ensinem a ler e a ouvir a Verdade, que está por tôda a parte em volta de nós, porque está na Natureza, e, sabendo nela ler e ouvir, perto estamos de Deus.

* * *

A Natureza! Observando-a bem, suave conforto em nossa alma entra, — o conforto que nos dá, em nossas crenças, a

obra sublime da Criação. Várias são as formas e aspectos que ela à vista nos oferece, na admirável lição que nos dá, e que todos devem querer ouvir. Lição é, porque sítios há neste mundo que levam o espírito a salutar meditação, e esta vem sobretudo quando em nós surge recordação de alguma coisa emocionante que na nossa memómia desperta, tendo ficado guardada no segredo do subconsciente.

Nunca eu estive nessa parte do Oriente onde o Cristo veio ao Mundo e nosso Espiritualismo nasceu; nunca percorri as margens do Jordão ou do Eufrates, cuja memória ficou sagrada na História; e, também, nunca meu corpo repousou à sombra dêsses notáveis cedros do Líbano. Mas, já muita vez meu pensamento por aí e por todo o Oriente andou — evocando o que está tão longe de nós, no espaço e no tempo — e, se os olhos do corpo por lá não passaram, já cá viram, no Ocidente, alguma coisa que admirar, no que, *in vivo* nos dá a Natureza, aquilo a que bem chamamos «reino vegetal».

Em certos momentos, condições particulares da sensibilidade nos levam a reparar nessas árvores colossais, que ao sopé de altas montanhas se destacam por sua grandeza, atestando em vigorosa vegetação tôda a fôrça que ali atingiu a vida, e nos vales, em contraste de porte, essas pequenas plantas floridas, onde, como nas grandes árvores, ao desabrochar da flor, um cântico se adivinha, — cântico do amor de que está cheia a Natureza! ; Pois a flor não tem em si órgão que outro órgão de sexo diferente atraia, para sua união, para a formação de novo ser?

Todos êsses segredos, êsses insondáveis mistérios, suscitam a nossa admiração, e momentos há para a nossa alma em que nessa bíblia verdadeira que é a Natureza — um grande poeta nosso, se não erro, já lhe chamou assim — podemos ler um pouco do que de mais belo para nós, neste mundo, escreveu o génio do Criador.

Sôbre essas revelações, tudo tem sido muita vez sentido, e banal é citá-las. Para certos espíritos *fortes*, isso não é mais que sentimentalismo de almas românticas; mas não é sentimentalismo pensar que o vigor dêsses gigantes arbóreos como, nas pequenas plantas, todos os matizes de côr e perfume das flôres, vieram de bem modesta e humilde semente, — êsse misterioso con-

A REENCARNAÇÃO

pelo Dr. Sebastião Elvico Martins

III

(Conclusão)

A persistencia duma antiga crença

COMO já dissemos acima, a teoria da reencarnação foi sempre um postulado das antigas religiões reveladas e viajou do oriente para o ocidente, com a emigração dos povos. Nos três primeiros séculos do cristianismo, a transmigração das almas fazia parte dos mistérios revelados a um certo número de iniciados.

Sem falarmos no sempre citado diálogo entre Jesus e Nicodemos, já o historiador judaico Josefo fazia a sua profissão de fé na reencarnação.

Plotino, da Escola neo-platónica de Alexandria, também defendia a pluralidade das existências, como condição da evolução da alma.

Uma pergunta pode aflorar aos lábios dos nossos leitores:

¿Se essa doutrina era aceita e propagandeada na antiguidade, porque não subsistiu até aos nossos dias?

Pondo de parte as perseguições religiosas, essa crença quasi desapareceu, porque estava na posse de alguns iniciados; era por isso esotérica. Foi necessário o concurso dos Espíritos para que ela ressurgisse como facto cien-

tífico, demonstrável pelos métodos da ciência actual.

Se esta resposta ainda não basta, busquemos outra em Fabian Palasí no seu citado livro «*Renacimiento*»:

«Quando alguns filósofos de Alexandria intentaram explicar o dógma da vida futura, depois de uma lição dada por Hegesias, na cidade de Cirene, os seus discípulos suicidaram-se para se libertarem da vida terrestre e entrar na que o mestre lhes prometia. Cleombroto, um dos discípulos, lançou-se do mais alto da torre para mais depressa gozar o futuro que as lições lhes vislumbraram. Do mesmo modo Catão, depois de ler o «*Fedon*», aniquilou a sua vida».

Isto faz lembrar a influência que a leitura do «*Werther*», de Goethe, fez na Alemanha: Um sapateiro apareceu morto, agarrado a esse célebre romance.

Durante a idade média, também era perigoso ensinar à humanidade ignorante e mística as bases reencarnacionistas. Os filósofos não se preocupavam com ela, porque a escolástica dominava naquêles tempos obscurecidos, e a influência da Igreja preponderava em todos os sectores da vida social.

Assim permaneceu oculta entre os iniciados,

junto celular, onde está oculto o grande segredo da Vida.

¿Qual é o espiritualista verdadeiro que, uma vez ao menos, não tenha nisto meditado? Sua alma aberta a tudo que é belo e grande, êle sente e sabe escutar o que os olhos admiram, por êles colhendo impressão que o domina, — como aquela que nos vem dessas montanhas a pique que, em certos estados da nossa imaginação, nos lembram, por sua elevação e grandeza, a harmonia forte de uma orquestração de Wagner, — como no silêncio religioso de noites estreladas julgaremos às vezes ouvir suave

melodia distante: uma *Sonata* de Beethoven ou uma *Ave-Maria* de Gounod ou de Schubert.

Na verdade, há estados de emotividade, particularmente no sangue latino, pelos quais de aspectos que vêm de fóra surgem na nossa capacidade evocativa, impressões como as que dão a música e também imagens como aquelas que criam a poesia. Estão fóra do frio positivismo materialista, mas não as rejeita o Neo-espiritualismo, porque um pouco concorrem, pelo que significam, para o culto da Natureza, para a elevação do espírito humano.

preparados para a receberem sem se suicidarem como os alunos da Escola de Alexandria.

Hoje, à luz da interpretação do Espiritismo, ela ressurgue radiosa e bela como nunca para consôlo e refrigério de todos nós.

Tudo vem a seu tempo. Jesus disse que «muitas coisas tinha para ensinar, mas que os seus discípulos as não compreenderiam». O Espírito Consolador por êle prometido está a concluir a obra iniciada pelo Nazareno. A Igreja Católica supõe que o Espírito Consolador é individual e não colectivo, como nós, espiritas, o interpretamos, e por isso o considera vindo no dia de Pentecostes, após 50 dias da morte do Cristo. Pergunta-se:

¿Era em 50 dias que a humanidade estava apta a compreender o que o Cristo não explicou? A lógica diz-nos que não.

Novos horizontes...

Vamos concluir a nossa tese. Num pálido resumo, pusemos em destaque o estado actual dos estudos reencarnacionistas e o valor do seu conhecimento como base da evolução e aperfeiçoamento moral da humanidade.

Novos horizontes se rasgam, mais vastos e mais belos. A morte deixa de ser o fantasma torturante, para ser a continuação da vida, que renasce das cinzas, como a Fenix da lenda. Nem as ortodoxias religiosas nem as filosofias são capazes de satisfazerem as eternas inquietações espirituais do homem. A predestinação e a graça não satisfazem já a fome de conhecimentos que êle sente ante a incerteza do seu destino.

Como diz Léon Denis, depois de séculos de silêncio, o mundo invisível descerra-se. Das profundezas estreladas baixam à terra legiões de espíritos que se associam aos nossos trabalhos, lutando ao nosso lado pelo resgate e ascensão da alma humana.

Em resumo: a teoria das vidas sucessivas satisfaz plenamente as aspirações das nossas almas nas penosas probações do seu resgate.

Ela tem um grande alcance social a desempenhar no futuro. Se os detentores dos bens materiais se lembrarem de que na encarnação subsequente poderão enfileirar nas classes desprotegidas, interessar-se-ão pelo bem-estar relativo dos que nada possuem, e estes, conformados com a lei imanente de causa e efeito, não forjarão revoltas nem fomentarão ódios inextinguíveis.

...que o futuro confirmará...

No momento actual desenha-se uma doutrina social e económica que,—¿quem sabe?—talvez seja o alvorecer da preparação do ambiente necessário à evolução e aceitação dos princípios reencarnacionistas, sob o ponto de vista espiritualista que partilham tôdas as correntes neo-espiritualistas.

Nesta época de contrastes e surpresas que se verificam a cada passo, nada nos admirará que esteja para breve a oportunidade da chegada à estrada de Damasco desta humanidade sofredora e contrita dos seus erros milenários.

Notemos o tom dos discursos dos estadistas responsáveis pelos destinos dos seus países; auscultemos os desejos ardentes de paz que os povos martirizados manifestam; analisemos o conteúdo das idéias expressas nas promessas dum mundo melhor, *post bellum*, formuladas e reiteradas pelos condutores dos povos em conflito; tentemos compreender tôdas essas idéias embrionárias e aliciantes lançadas pela rádio, pelo jornal, pelos milhares de prospectos de propaganda insistente e infatigável, e depois de tudo isso analisado, pesado, amadurecido à luz meridiana do nosso raciocínio, verificaremos a concomitância de todos estes fenómenos sociais superficialmente aqui apontados.

Em oposição a essa nova teoria que debilmente se desenha no horizonte do planeta, comparê-mo-la com a do materialismo histórico, defendida pelo judeu Karl Marx no seu famoso livro «O Capital», e tiremos depois as conclusões que a lógica nos impõe.

Os problemas que até hoje as religiões e as filosofias deixaram insolúveis, resolveu-os o Espiritismo com o seu poder de síntese maravilhoso, de forma a apagar todos os pontos de interrogação, acumulados pelas eternas dúvidas que os diversos sistemas filosóficos nos legaram até hoje.

Desta sorte, diremos como S. Paulo:

«Se os mortos não ressuscitam, então Cristo não ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é vã». (Coríntios, XV-13-14).

¿Querem os nossos caros leitores melhor prova de reencarnação? ¿Porventura estas palavras do grande apóstolo não são claras e evidentes no seu significado?

Ressurreição e Reencarnação são sinónimos que se completam, desde que os tomemos, não à letra como as ortodoxias imperantes os tomam e propagam, mas como certamente o

próprio S. Paulo os quis interpretar, na linguagem daquêles tempos, em que a Humanidade estava na infância da sua evolução.

Transportemos êsses dois versículos de Paulo de Tarso para a exegese actual, após a análise dos fenómenos psíquicos que assombraram o mundo, e encontraremos neles, sob o veu da letra, a confirmação dos postulados revelados pelos Espíritos.

Nêsse caso, quem está com o Cristo, nós, que procuramos compreendê-lo à luz meridiana dos seus actos e palavras, pondo de parte o miraculoso ridículo que se não conforma com a ciência que tudo quer profundar e esclarecer; ou aquêles que exaltam apenas como santo milagreiro, a quem se pede o possível e impossível; com fé cega e irreflectida?

Que nos respondam os amigos da verdade e da ciência, sem peias de qualquer espécie.

Um apólogo anedótico...

Êste artigo já vai um pouco longo. Temos de lhe pôr o indispensável ponto final. Antes disso, porém, não resistimos à tentação de transcrever, nestas colunas, o significativo apólogo, anedótico, inserto no livro atrás citado de Fabian Palasí, *«Renascimientos»*, a propósito da teoria da Reencarnação, objectivo primordial por nós agora escolhido. Com êle, terminaremos o nosso modesto trabalho.

Segue-se o apólogo:

«Um príncipe oriental, tão sábio como rico, e tão bom como sábio, mandou construir um sumptuoso e vasto palácio, rodeado de extensos parques e formosos jardins, com artísticas cascatas e jogos de águas, superabundando por toda a parte a beleza. Naquêlê palácio, construído pelos hábeis artistas, acumulou o príncipe todas as suas riquezas, que eram imensas, quasi fabulosas, assim como um grande tesouro em obras de arte.

Terminada a construção, ausentou-se o príncipe com os operários que haviam construído a mesma, e o misterioso palácio permaneceu desde então fechado e silencioso durante longuíssimos anos, e assim teria continuado para sempre se em certo dia não viesse um sábio estrangeiro, o qual, reparando para uma lápide colocada sobre a fachada da única porta de tão encantadora mansão, observou que, em caracteres de arcaica e desusada língua se lia o seguinte anúncio: *«O príncipe e senhor destes reinos lega em perpétua propriedade a todos os seus súbditos êste maravilhoso palácio com todas as suas dependên-*

cias, para que lhes sirva de estudo e recreio; mas com condição expressa de que têm de procurar a chave da porta, que o seu proprietário, ao ausentar-se, determinou fôsse oculta nestas imediações. Será inútil escalamem os muros e entrar por meio de assalto: nêste palácio só se entra pela porta. Quem encontrar a chave será o seu guardião, mas o palácio ficará desde então aberto para todos».

A tradução deste anúncio difundiu-se rapidamente por todo o país; mas como sempre succede, tão fagueira promessa produziu naqueles habitantes mui diversas impressões e atitudes. Os impacientes começaram a experimentar com febril ansiedade todas as chaves que lhes chegaram às mãos, enquanto que os apáticos e receosos se retiravam desalentados, pensando que, por mais que se procurasse, nunca se encontraria aquela misteriosa chave; e até houve alguns que, mais desconfiados, propalaram a insídia de que talvez o dono a tivesse destruído ou a tivesse levado consigo. Só uns poucos, uma ínfima minoria, tendo sempre presente a auréola de bondade e de veracidade que do tal príncipe conservavam a tradição, opinaram que a tarefa de procurar a anhelada chave, não seria empresa vã, e, decididos desde o primeiro momento, dedicaram-se com perseverante esforço a remover a terra daquelas imediações e os tanques próximos. Muito tempo se passou em estêreis trabalhos e canseiras, mas por fim, uma tarde, revolvendo e esquadrinhando o fundo dum tanque, encontrou-se uma chave que, apesar de simples na aparência, se ajustava tão bem na fechadura, que com ela, sem exercer a menor violência, se pôde abrir a porta daquele encantador edificio, no qual, desde logo, todos quantos penetraram, puderam admirar a sua beleza e as suas riquezas fabulosas.

Os habitantes ingênuos daquêlê país, os de procedimento recto e boa intenção, ficaram desde aquêlê momento convencidos de que se tinha encontrado e se possuía a «verdadeira chave» do palácio, e assim o proclamaram satisfeitos aos quatro ventos, mas outros mais suspicazes, ou invejosos de não serem êles os depositários e possuidores de tão precioso objecto, se bem que não negassem a sua descoberta, em compensação mostraram dúvidas e ainda negaram que fôsse aquêlê a verdadeira chave, construída expressamente para tal fechadura; e como muitos dos impugnadores faziam parte da *«Academia dos Pseudo-sábios»* da terra, mandaram comparecer

ante a sua presença o afortunado achador e possuidor da chave e disseram-lhe:

«Nós, como representantes do saber dêste país, negamos que seja essa a verdadeira chave do misterioso palácio: ¿Como poderás tu provar-nos o contrário?»

O interpelado ficou muito surpreendido com tão estranha como audaz e mal intencionada pergunta, mas, não obstante, sem perder a serenidade, contestou com simplicidade e apuro:

«Senhores, não poderei provar directa e matematicamente se é esta a verdadeira chave, visto que não assisti à sua fabricação; no entanto, digo que como a missão que lhe foi cometida não era outra que não fôsse a de abrir a porta e franquear a entrada, e como esta chave conseguiu iso, reputo-a desde já como bôa e legítima: ¿que outra coisa poderia fazer a «verdadeira chave» mais que abrir a porta?»

E Fabian Palasí, ao terminar êste interessantíssimo apólogo, comenta:

«Recomeçamos, pois, que a hipótese reenacionista é a «chave» que abre a porta do arquivo dos nossos destinos, já que por esta hipótese, aceita como lei, se explicam satisfatoriamente os factos da vida que outras hipóteses deixam no mistério. Observemos também, de passagem, quão bem se adapta aqui aquela sábia sentença de que, «quando uma proposição é verdadeira, tudo concorda para a estabelecer e provar» Sim, certamente, tudo: até a fábula ou o apólogo!»

NÃO CHOREIS OS MORTOS

Não choreis os vossos mortos! Eles continuam a viver ao vosso lado e continuam a amparar-vos nos tormentos e nas provações...

Eles não morreram. Apenas, terminadas as provações, com as quais se engrandeceram, voltaram ao verdadeiro mundo das sombras amigas.

A bondade Divina, dentro da sua grandeza e da sua justiça, vos dará a alegria, e sereis felizes por reencontrá-los, após essa existência material e passageira.

Não os choreis.

Elevai-lhes, sim, preces — essas preces formuladas pelo coração, fortalecidas pela fé e revestidas pela sinceridade.

Não os choreis.

Elas são a linguagem muda na confabulação de espírito a espírito, levando as vossas mensagens e transmitindo as vossas saúdes.

¿Não sentis, por vezes, uma alegria íntima e feliz, um bem-estar indefinível, quando, no silêncio das horas e desprendidos das coisas terrenas, o vosso espírito parece confabular com alguém que não vêdes, mas sentis, e o vosso corpo parece elevado às regiões divinas?

¿São os vossos mortos que vos afagam e acariciam! Eles não estão mortos e eles voltam...

Não os choreis!...

Dr. Inácio Ferreira

"ESTUDOS PSÍQUICOS"

Tendo recebido ultimamente algumas sugestões no sentido de dar carácter mensal a esta revista, embora com menor número de páginas, comunicamos o facto aos nossos assinantes e leitores, esperando que uns e outros se manifestem, enviando-nos a sua opinião.

No caso de se adoptar a modalidade mensal de dezasseis páginas, o preço anual da assinatura será de 20\$00, atendendo a que aumentará o papel da capa relativo a seis números e despesas com as franquias postais.

Escusado será enumerar os grandes benefícios de tal empresa. A Causa seria defendida com maior frequência e nenhuma ocasião como esta para iniciar semelhante empreendimento.

Nunca, como agora, o Espiritismo foi tão ferozmente atacado. Nunca, como agora, se nos impôs maior vigilância e espírito de defesa.

Pela nossa parte, estamos prontos ao sacrifício. ¿Estarão igualmente prontos assinantes e leitores?

Da forma como êste alvitre fôr acolhido, dependerá a nossa decisão final.

A CAMPANHA DAS «NOVIDADES» CONTRA O ESPIRITISMO

A conferência de Faure da Rosa no Cinema Condes, cheia de elevação e de verdade, deu alento aos novos ao Espiritismo e demonstrou exuberantemente o interesse que o povo nutre pelos grandes problemas da vida e da morte, que nos preocupam cada vez mais, apesar da propaganda insidiosa de muitos, a quem estas verdades amedrontam.

A campanha das *Novidades*, embora o não confessem, teve origem no êxito daquela conferência, a que a grande imprensa deu o devido relevo, em notícias que atravessaram o império, provando, afinal, que o Espiritismo é alguma coisa de muito sério e destinado a despertar a humanidade dum sono de milénios.

Uma notícia de *O Século*, relativa à conferência do Dr. Fred, realizada no Centro Espiritualista Luz e Amor, foi o pretexto para o ataque, mas, no fundo, a causa era outra, a causa era a conferência retumbante promovida por *Estudos Psíquicos*. E por isso a investida surgiu impetuosamente, martelada dia a dia, num crescendo afrontoso e odiando, mal velado por atitudes farisaicas.

As *Novidades* encheram-se de pavor e gritaram e gesticularam e reclamaram contra o «horrível crime» duma publicação que ousava defender os seus ideais desassombradamente, à luz meridiana. ¡Como se Portugal não fôsse dos portugueses, como se para tanto fôsse necessário obedecer a outros poderes, além dos constituídos, que sabem o que querem, porque são formados por homens judiciosos e conscientes, amigos da pátria e da família... ¡Como se esta revista não fôsse uma alavanca de rejuvenescimento espiritual, absolutamente integrada nos princípios sociais que regem a Nação!... ¡Como se nós, que a dirigimos e orientamos, não fôssemos um elemento de ordem ao serviço da causa pública, com passado íntegro, ermo de felonias e de traições!...

Nós sabemos muito bem do que são capazes certos escribas, quando se julgam

irresponsáveis, a coberto de pretensas imunidades, que, a existirem, tanto vexariam quem as outorgasse, como quem as recebesse. Conhecemos-lhe a força e o valor... Assim, não nos admira que, durante muitos dias seguidos, as *Novidades* bolsassem contra o Espiritismo e contra nós os maiores impropérios.

Oh! a conferência do Condes estava-lhes atravessada na garganta! Não os deixava dormir, nem alimentar.

* * *

Nas suas catilinárias, as *Novidades* tocaram uma tecla tão velha e relha, que já não sensibiliza ninguém. Confundiram propositadamente Espiritismo com Maçonismo e Comunismo, julgando que nos intimidavam, que nos faziam cair de joelhos ante o seu *poder majestático*, poder que se esboroa à medida que os tempos passam. E em 31 de Maio enviámos-lhe a seguinte carta, que foram obrigados a inserir em 3 e 4 de Junho:

Sr. Editor do jornal «*Novidades*»:

Tendo as «*Novidades*» de 26, 27, 28 e 30 do corrente inserido locais tendenciosas sob o título geral «*Os Psíquicos*», que atingem não só o signatário, como também o Centro Espiritualista Luz e Amor, a cuja direcção presido, e a revista «*Estudos Psíquicos*», de minha direcção e propriedade, peço a publicação das seguintes linhas, nos termos do artigo 53.º do decreto n.º 12.008, de 29 de Julho de 1926:

DESAFRONTA

Há ataques que excedem os limites da dignidade humana e levam os alvejados a justa e legítima desafronta. Um deles é o que «*Novidades*» vem fazendo há dias contra indivíduos e pessoas morais que merecem o respeito de toda a gente honesta.

É lamentável que este jornal dê tão triste idéa da religião que defende. Jesus não ensinou a enredar e caluniar, mas a amar o próximo como a nós mesmos.

«Novidades» apoiou-se levemente numa notícia incompleta publicada no jornal «O Século» e urdiu uma campanha tendenciosa, com o fim de atingir entidades que trabalham na espiritualização do homem, procurando afastá-lo de lutas mesquinhas e degradantes. «O Século» já esclareceu a notícia e fê-lo espontaneamente, numa atitude digna do maior aprêço. Honra lhe seja.

«Novidades» atacou com truculência e má fé:

1.º — Uma doutrina que não estudou, ou, se estudou, teima em desconhecer completamente.

2.º — Uma colectividade, uma revista e um homem que não conhece.

Mais: apontou uns e outros à execração pública e aos poderes constituídos, insinuando tratar-se de comunistas, mações ou simpatizantes com ideologias subversivas.

Isto é grave. É grave e anticristão. Afirmacões destas não se fazem em letra de fôrma, sobretudo quando não há provas para manter a acusação.

«Novidades» não conhece a idoneidade moral dos atacados. Mas deve conhecer de sobra o seguinte mandamento: «Não dirás falso testemunho contra o teu próximo» (Êxodo, 20, v. 16) e as sete coisas que o Senhor aborrece: «Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que maquina malvadísimos projectos, pés velozes para correr ao mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia discórdias entre irmãos» (Provérbios, 6, vv. 16-19).

Deve também saber que lhe falece autoridade para julgar: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados» (Lucas, 16, vv. 37-38).

¿Com que autoridade, pois, e em nome de que princípios morais, racionais ou sociais, levantou «Novidades» tão negregada campanha?

Diz o articulista de «Os Psíquicos» (edição de 26-5-942):

«Ninguém vê que a naçãoaria e o comu-

nismo têm os seus pontos de contacto com o Espiritismo. Na base, está a mesma negação da existência de Deus; como finalidade, a mesma destruição de toda a espiritualidade superior.»

Como ensinar os ignorantes é uma Obra de Misericórdia, informamos «Novidades» acerca das bases fundamentais do Espiritismo, aprovadas no último Congresso Internacional de Glasgow:

1.º — Existência de Deus, Inteligência Suprema e Causa Primária de todas as coisas.

2.º — Imortalidade da alma e sua evolução contínua para a perfeição, através de ciclos sucessivos.

4.º — Possibilidade de comunicação pela mediunidade, entre o mundo visível e o invisível, quer entre vivos ou os chamados mortos.

5.º — Responsabilidade individual e colectiva entre todos os seres humanos, segundo a Lei de Causalidade e de Justiça Retributiva.

Espiritismo e Comunismo? ¿Onde os seus pontos de contacto, sr. Editor das «Novidades»?

O comunismo é essencialmente materialista. O Espiritismo é reencarnacionista. ¿Como conciliar, filosoficamente, duas doutrinas inteiramente opostas?

Ouçamos o que uma revista brasileira escreveu em resposta ao padre Arlindo Vieira, quando este acoimou o Espiritismo de doutrina perigosa, com base no comunismo:

«O comunismo revolucionário prega a igualdade pela violência; o Espiritismo, pela sua filosofia reencarnacionista, justifica as desigualdades sociais, demonstrando a impossibilidade das criaturas humanas viverem todas nas mesmas condições.

«O espírita sabe que nenhuma reforma transformará radicalmente o mundo, nem implantará a felicidade na Terra, enquanto o homem se não transformar espiritualmente e não se cumprir todo o curso da lei divina. O Espiritismo é, pois, um antídoto contra todos os ismos de violência.

«O Espiritismo não aceita nenhum credo

extremista, porque a sua doutrina não pode aceitar reivindicações insufladas pelo ódio. A luta de classes, a desigualdade humana e o problema do estômago só podem compreender-se com o conhecimento da reencarnação. Só o Espiritismo esclarece suficientemente a causa das desigualdades e dos sofrimentos, mostrando a ineficácia das lutas.

«É contrasenso querer conciliar comunismo com Espiritismo, quando ambas as doutrinas estão em campos antagónicos: uma, é matéria; outra, é espírito. Uma, crê na força; outra, crê no amor. Uma, não admite Deus; outra, vê em Deus a Causa Primária da criação.»

Portanto, nada há de mais falso do que as afirmações das «Novidades».

O comunismo é contra Deus, a Pátria e a Família; o Espiritismo é por Deus, pela pátria e pela Família. O comunismo é violento e antinatural; o Espiritismo integra o homem na verdadeira posição moral e social a que tem direito. O comunismo é uma aberração digna de combate permanente; o Espiritismo é uma filosofia racional e científica escudada nos Evangelhos.

Nestas circunstâncias, sr. Editor das «Novidades», «a sombra de Pina Manique» nada tinha, nem tem que fazer no Centro Espiritualista Luz e Amor, a cuja direcção tenho a honra de presidir e onde se faz obra cristã e altruísta, dentro das normas estatutárias.

Afirmamos, portanto, sem receio de desmentido:

— O crítico sem base das «Novidades» foi ignorante e tendencioso, falseando a verdade e induzindo em erro os seus leitores.

* * *

O mesmo crítico sem base atacou a revista «Estudos Psíquicos», dizendo que nas capas desta publicação se faz o «reclamo de várias obras escandalosamente imorais». Em nome da moralidade e da verdade, repto o cronista sem base das «Novidades» a provar a acusação. «Estudos Psíquicos» é uma revista elevada que dignifica, não só o ideal que defende, mas também os seus colaboradores, que se sentem honrados, enviando-lhe as suas produções.

Sem o saber, «Novidades» ataca a digna

Comissão de Censura, que conhece melhor do que ninguém o que interessa à sociedade e à Nação. Ora, a Comissão de Censura nunca implicou com «Estudos Psíquicos». Basta ser composta de militares, para que inspire confiança na observância dos direitos individuais.

«Estudos Psíquicos» não ataca o catolicismo, nem qualquer outra religião. Exerce o seu direito de análise e de crítica, mas fá-lo sempre com lealdade absoluta e sem idéia preconcebida, o mesmo sucedendo com o Centro Espiritualista Luz e Amor, onde alguns conferentes já têm feito justiça à religião católica e a certos doutores da Igreja.

A frase do crítico das «Novidades»: «sabe-se que em sessões espíritas têm ocorrido cenas de baixa imoralidade», não atinge este Centro, que se impõe pela sua obra meritória. Deve tratar-se, indubitavelmente, de baixo-espiritismo, de capelinhas espírito-católicas sem responsabilidade moral ou cultural, espiritismo charlatanesco que nós próprios combatemos, no interesse do verdadeiro Espiritismo.

«Novidades» afirma que o Espiritismo serve «para perturbar os espíritos, para desagregar a unidade nacional subsistente no catolicismo e para disfarçar propaganda dissolvente», bem como «para minar os fundamentos da ordem social». Quer dizer: os espíritas são elementos perturbadores e indesejáveis que devem ser postos fora da lei.

É necessário perder todo o sentimento de responsabilidade para fazer semelhantes afirmações; e só a certeza da impunidade pode levar indivíduos que se jactam de cristãos a promover escândalos próprios do Anticristo.

Não, sr. Editor. Não se calunia impunemente. Como homem e como militar que me prezo de ser, repilo energicamente os seus ataques e exijo pública reparação pelos danos causados. Repto-o a provar o maçonismo e o comunismo de Isidoro Duarte Santos, director de «Estudos Psíquicos» e presidente da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor. Se o não provar, os seus leitores o ferretearão.

* * *

«Novidades» escreveu em 28 do corrente, sob a mesma epígrafe de «Os Psíquicos»:

«O espiritismo, tal como existe, se pratica e se propaga em Portugal, tem um único fim em vista: destruir a religião católica. Para o atingir, vai arruinando e combatendo tôdas as idéias e instituições em que se baseia a própria ordem social».

Novas calúnias de «testemunha falsa que profere mentiras» e de «pés velozes para correr ao mal». O Espiritismo não combate religiões, o que não sucede com «Novidades» que, além de as combater, preconiza um estado social tutelado pelo seu catolicismo. Felizmente, há em Portugal alguém que sabe mandar e que permite a liberdade de crenças a todos os portugueses dignos dêsse nome. Felizmente, há em Portugal uma censura que respeita os direitos alheios e se dignifica pela sua obra equilibrada e séria.

O Espiritismo, longe de arruinar as idéias e as instituições em que se baseia a ordem social, fortalece-as e consolida-as, visto que é um precioso agente de ordem social e moral.

Sossegue o crítico de «Novidades», que a sua voz não chegará ao céu. Se o incremento da doutrina espírita o envergonha ou amesquinha, então, diga-o francamente e não insinue, como os fariseus hipócritas, que «coavam mosquitos e enguliam camelos», que atentavam «no argueiro do vizinho e não reparavam na trave que tinham no seu».

«A árvore conhece-se pelo seu fruto (Lucas, 6, v. 44). No Brasil, por exemplo, o Espiritismo tem realizado uma das maiores obras sociais do mundo, fundando albergues, asilos, escolas, hospitais e sanatórios, a ponto de o governo federal considerar de utilidade pública muitos centros e federações, com direito a subsídios permanentes do Estado, como a Federação Espírita Brasileira, a Liga Espírita do Brasil e outras.

Não desça, pois à escrevinhação insolente e desbocada. Não agrida quem o não agrediu e lembre-se dêste versículo do Mestre: «Amai a vossos inimigos e fazei bem aos que vos aborrecem». (Lucas, 6, v. 27) Ao menos, seja correcto e verdadeiro. Defenda a sua religião, sem atacar as dos outros. Enalteça-a com bons exemplos e não desça a ataques soezes, próprios de quem «semeia discórdias entre irmãos».

«Sois mestres em Israel e não sabeis estas coisas?»

Lisboa, 31 de Maio de 1942.

Rua do Salitre, 149, 1.º.

Isidoro Duarte Santos

Como resposta, inseriram uns comentários insulsos, próprios de quem não tem que responder, mas que deixavam transparecer ainda o mesmo sentimento que animou aquêlê diário, ao abrir a negregada campanha.

Dias depois, escrevíamos-lhe nova carta. E como êles, nos seus comentários à primeira resposta, se lamentassem seráficamente de que tínhamos «abusado da Lei de Imprensa», não voltámos a invocar a lei e apelámos para a «sua lealdade jornalística».

Eis a nossa segunda carta:

Sr. Editor das Novidades:

A-pesar-de ter invocado a Lei de Imprensa para a publicação da minha carta de 31 de Maio último, o seu jornal transgrediu aquela lei, pelos seguintes motivos:

1.º — A inscrição da resposta devia ter sido feita duma só vez e na página em que as locais fôram publicadas.

2.º — A publicação devia ter sido feita integralmente, sem omissões, nem alterações.

Eu podia obrigá-lo facilmente à republicação da minha resposta. Não o faço, para lhe evitar vexames e por os meus objectivos terem sido inteiramente alcançados.

Há, porém, uma omissão que eu desejo que fique patente aos olhos do leitores. É a seguinte:

«Sem o saber, Novidades ataca a digna Comissão de Censura que conhece melhor do que ninguém o que interessa à sociedade e à nação. Ora, a Comissão de Censura nunca implicou com «Estudos Psíquicos». Basta ser composta de militares, para que inspire confiança na observância dos direitos individuais».

Desta vez, não invoco a lei, pois que,

pelo visto, não é necessário. Invoco apenas a sua lealdade jornalística. Veremos se essa lealdade existe.

Antes de entrar no assunto das suas Notas de Redacção insertas em 3 e 4 do corrente, em seguida à minha resposta, quero desfazer duas gralhas dactilográficas: «contra-censo» e «espiritas-católicas». O que eu costumo escrever é «contrasenso» e «espírito-católicas». Também foi involuntariamente omitido o 2.º postulado aprovado no Congresso Internacional Espirita de Glasgow, visto o N.º 2 ter saído em lugar do N.º 3. Ei-lo:

2.º — Existência da alma, ligada, durante a vida terrena, ao corpo físico, por um elemento intermediário chamado perispírito ou corpo flúidico.

Agora, vamos ao resto.

As citações do Levítico e do Deuterónimo referem-se aos mágicos e aos adivinhos, como toda a gente viu. Moisés — também o sabe toda a gente — condenou essas práticas, por constituírem grave perigo social que atingia a própria consciência das multidões ignaras, obscurecendo nelas a idéia de Deus. O Espiritismo Moderno, ou Neo-espiritualismo, combate, igualmente, a necromância (adivinhação pela intervenção dos espíritos), as chamadas mulheres de virtude, os bruxos e os cartomantes e todos aquêles que se dedicam a práticas supersticiosas.

Tais citações estão, portanto, prejudicadas.

Em resposta a outra afirmação das Novidades, direi que todos os espiritas estão de acôrdo, relativamente às bases fundamentais da doutrina que professam. Se acreditassem em dogmas, isto é, nos dogmas das Novidades, seriam católicos, não seriam espiritas. Mas, pelo facto de termos uma concepção diferente acerca da idéia de Deus, ninguém pode afirmar que negamos a sua existência.

A citação de Georges Surbled, que não sabemos quem seja, é falha de valor científico e por isso não lhe fazemos a mínima referência. Trata-se, evidentemente, duma opinião pessoal que, pela forma como está exposta, não é susceptível de ser tomada a sério.

O articulista das Novidades admirou-se de não termos escrito uma linha a respeito

da maçonaria. ¿Para que gastar cera, se ela está tão cara? Temos ouvido falar de maçonaria e de maçoes, mas não sabemos bem o que isso seja. Sempre combatemos a idéia de sociedades secretas. Secretas, porque? Se tinham fins elevados, para que ocultavam os meios de os conseguir?

As Novidades não citam o nome das obras escandalosamente imorais anunciadas em Estudos Psíquicos. ¿Porque não elucida os seus leitores, como fez a respeito do «Parnaso de Além-Túmulo» e «Funerais da Santa-Sé»? Se a obra atingida pela sua excomunhão é imoral, então a História Universal é o maior escândalo de todos os tempos e deve ser condenada pelo Index. Mas a obra incriminada não é imoral. Se assim fôsse, não profligava as imoralidades de certos indivíduos que deshonram as colectividades a que pertencem e as religiões que servem. O simples enunciado do título seria bastante para inferir do seu conteúdo. E tôdas as pessoas sensatas fariam imediatamente o seu juízo. O sr. editor sabe-o tão bem ou melhor do que nós. Não vale a pena ir mais além...

Quanto às «cenas de baixa imoralidade praticadas em sessões espiritas», só agora diz ter bebido a informação no livro de Des Mousseau, «Les Hauts Phénomènes de la Magie». Devemos convir que não era para obras de magia que devia remeter os leitores estudiosos, visto que o Espiritismo combate a magia. Era para obras de verdadeira investigação insuspeita, como a do reverendo Nielsson e a do Dr. Laponni, que foi médico do Papa.

Nesta altura, cabe uma palavra no tocante ao «Caso de Leiria», já que pede a minha opinião. De tôdas as locais publicadas pelas Novidades, esta foi, certamente, a mais infeliz, não só devido à linguagem usada, como pelos juízos temerários emitidos. ¿Quem será o articulista — ou a articulista — que fala ex-cathedra e sentença em ar de axioma? Gostaríamos de lhe ver o nome por baixo dos arrazoados...

O «Caso de Leiria», tal como foi exposto, não destrói o carácter científico do Espiritismo. Ainda que o relato seja verdadeiro, é óbvio que se trata de pura charlatanice, com a qual nada temos, nem queremos ter. O Espiritismo condena as intrujices que se praticam em seu nome. Sempre as condenou e condenará, nada mais podendo fazer, visto que os espiritas têm

livre arbítrio e não há medidas coercitivas que possam impedir tais dislates. Se o Espiritismo fôsse responsável pela obra dos impostores, também a medicina o seria pela dos falsos médicos e o próprio catolicismo pela dos maus prelados. Sabemos que há muitos embusteiros por êsse mundo fora e o Espiritismo não poderia fugir ao seu influxo.

Quanto aos críticos do Espiritismo, diz Allan Kardec:

«O Espiritismo só admite como crítico sério aquêlê que tiver visto, estudado e aprofundado tudo com paciência e perseverança de observador consciencioso, que possua tanto conhecimento dêle, como o espirita mais esclarecido e possa, conseqüentemente, refutar com argumentos mais peremptórios e dar causa mais lógica aos factos observados. Êsse crítico ainda não appareceu».

Respondemos sumariamente às Notas da Redacção das Novidades. Para terminar, apresentamos-lhe um pequeno alvitre, que, além do mais, talvez leve alguns vin-tens aos cofrezinhos do seu jornal:

¿Quer que lhe prove imediatamente que os Evangelhos são um verdadeiro código de Espiritismo, com premonições, telepatia, visões proféticas, aparições, levitações, etc, etc.? Provar-lhe-emos imediatamente, à luz dos textos sagrados, que o Espiritismo não é obra diabólica e rebateremos, com raciocínio e lógica irrefutável, as diatribes dêsses doutores que atacam sem critério científico, como quem esgrime contra moínhos de vento. Nessa altura, lhe agradeceremos a propaganda que tem feito da nossa Causa, para a qual se têm passado muitos católicos nos últimos dias, não fascinados pela «sereia espiritualista», como dizia há pouco A Voz, mas enojados por campanhas insidiosas que desacreditam os jornais que as levantam.

Valeu? Quer aceitar o convite?...

Lisboa, Rua do Salitre, 149, 1.º.

Isidoro Duarte Santos

Cumprimos o nosso dever de espirita militante. Aparámos o golpe e respondemos serenamente. Temos a consciência tranqüila. Não injuriámos, não caluniámos,

não insultámos. Esforçámo-nos por ser dignos de nós próprios e da causa que defendemos. Julgamos ter atingido êsse fim.

Agora, podem as *Novidades* continuar a sua campanha. Ela só beneficiará a doutrina espirita. Quanto mais gritarem as *Novidades* e o seu untuoso acólito *A Voz*, mais consolidarão o nosso sector. Tenham a certeza disso. Plena certeza.

Não basta atacar, empilhando frases tonitroantes, bem cheias de lastimosa vacuidade... Mas êles atacam, porque a conferência de Faure da Rosa lhes aluiu a posição. E começam a sentir o desequilíbrio do terreno e tremem à simples idéia de serem tragados pela onda racionalista que enormes brechas vai abrindo nas suas fileiras.

A *Voz*, por exemplo, queixou-se de que muitos católicos se deixam fascinar pela «sereia espiritualista». E avisa-os do «perigo» que os ameaça, se não obedecerem incondicionalmente às determinações da igreja. Quer dizer: a campanha dêstes dois jornais tem uma causa: *receio de desagregação*; e um objectivo importante: *impedir a propaganda espirita*. Para tal conseguir, usam de todos os meios ao seu alcance: Vociferam, insinuem, exteriorizam hipocrisia e até chegam a censurar as autoridades por estas lhes não facilitarem determinados vôos à *terra de ninguém*, com intuitos bem conhecidos... E quando lhes batem o pé, lembrando-lhes que um «poder mais alto se levanta», armam em vítimas inermes. Foi o que sucedeu com as *Novidades*. Como tiveram de publicar a nossa «Desafronta», aqui del-rei que violámos a Lei de Imprensa.

Viva Deus, que há quem nos defenda da língua de certos escrevinhadores insolentes e irresponsáveis. Se assim não fôsse, ¿que seria daqueles que não podem, a tanto por linha, revidar ataques traiçoeiros?

S Í N T E S E

Facultando o conhecimento da composição do espirito e tornando, por assim dizer, tangível a parte fluidica de nós mesmos, o Espiritismo projectou viva luz nesses meandros aparentemente inabalgáveis, de vez que permite abarcar em uma vasta síntese todos os factos da vida corporal e intelectual e mostrar-nos as relações, até aqui desconhecidas, entre uma e outra.

Gabriel Delanne

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

IV

«Nem todo o que me diz «Senhor! Senhor!» entrará no reino de Deus, mas somente aqueles que fizerem a vontade de meu Pai. Naquêl dia, muitos me dirão: Senhor, em teu nome nós profetizamos, expelimos demónios e obramos maravilhas. Mas eu lhes direi abertamente: Não vos conheço; apartai-vos de mim, vós que vivestes na iniquidade.

«E naquêl dia apartarei os cabritos das ovelhas e direi a estas: vinde, benditas de meu pai; possuí como herança o reino que vos está destinado desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me deste de comer; tive sede e me deste de beber; era forasteiro e recolheste-me; estava nu e vestiste-me; enfermo e prêso e visitaste-me. «Perguntarão então as ovelhas: quando, Senhor, te vimos com tais necessidades e te assistimos? E o Senhor responderá: em verdade vos digo que quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes.»

Sabemos, portanto, o que é o Reino de Deus, onde se oculta e o que devemos fazer para o possuir.

Não hesitemos, pois, e metamos agora mesmo mãos à obra, punhamos agora mesmo o pé no caminho que se nos abre diante dos olhos, com resolução e firmeza.

Sabemos que êle é estreito e penoso mas que no fim encontraremos as regiões divinas onde a Luz e a Paz resplandecem eternamente.

Jesus reúne em si mesmo as duas naturezas: humana e divina. Humana porque, como disse Paulo, se apresentou na terra em semelhança da carne do pecado. Divina, porque desceu do Céu: não era dêste mundo.

Jesus Cristo humano é a imagem do homem atingindo o supremo grau de perfeição na escala hominal: é o homem sublimado. Daí por diante cessa a escala humana e começa a divina; extingue-se o hominal, consumando-se a ressurreição do espiritual.

A medida que o hominal diminui, cresce o espiritual que acaba por o absorver. Jesus

é o modelo, é o arquétipo dessa metamorfose sublime. É o espelho que foi dado ao homem para que êle pudesse ver, num reflexo vivo, a transição do humano para o divino.

Para se tornar como se tornou, «o Caminho, a Verdade e a Vida», Jesus realizou no cenário terreno, aos olhos da humanidade, a trajetória que o homem há-de realizar na conquista gloriosa dos seus altos destinos.

Bendito seja o Filho de Deus que para salvar o mundo não mediu sacrifícios.

Baixou lá do alto, nivelando-se aos cá de baixo; e, mesmo na baixeza humana, tomou o derradeiro plano, nascendo num estábulo e morrendo numa cruz.

¡Como é bela, meus Jesus, a tua palavra!

¡Como é encantadora e persuasiva, delicosa e convincente!

Tua palavra, Senhor, consolida a razão e sensibiliza a alma: fala à mente e fala ao sentimento. Ela diz tudo e tudo esclarece. Não há mistério que não revele, nem problema que não solucione. Não há refólhos nem escarninhos ocultos nos meandros do coração, que ela não penetre. Não há labirintos e dédalos misteriosos da consciência humana que ela não percorra, deixando atrás de si uma esteira luminosa!

Tua palavra, Senhor, é a maior das maravilhas, tem encantos e magia que se não descrevem na linguagem dos homens.

É balsamo que mitiga as dores, é Luz que aclara o entendimento, é força que reanima, é vida que rejuvenesce.

É também poesia que encanta, música que arrebatava, verdade que empolga, fé que redime.

Tua palavra, meu Jesus, modifica, corrige, transforma e converte. Atrai como o imã, aquece como o Sol, refrigera como o orvalho, inebria como os perfumes, purifica como o fogo, diviniza como o Amor.

À mágica influência da tua palavra, ó Cristo, converte-se a fraqueza de Simão, na coragem heróica de Pedro; a sordidez do publicano na generosidade de Zaqueu; a volúpia de Madalena no sublime e incomparável

A Conferência do Coronel Faure da Rosa no Cinema Condes

CONSTITUIU um verdadeiro acontecimento a conferência que, em 17 de Maio, o nosso colaborador Faure da Rosa realizou no Cinema Condes, perante selecta e numerosa assistência. *Estudos Psíquicos* ufana-se de haver promovido a conferência e escolhido o nome prestigioso e honrado dêsse velho pioneiro, certo de que êle saberia desempenhar tarefa de tão grande vulto, ultrapassando mesmo a nossa expectativa.

¿E porque escolhemos Faure da Rosa para esta empresa?

Por dois motivos respeitáveis. Primeiro, porque desejávamos homenagear publicamente um homem que há muitos anos tem mourejado a nosso lado, sem a mínima quebra de lealdade, demonstrando sempre a mais bela camaradagem, coisas raríssimas nesta época de egoísmos e de traições. Segundo, porque ninguém melhor do que êle representaria a Causa Espirita em qualquer salão da Capital. Faure da Rosa impõe-se pela sua presença. A sua atitude e a sua figura austera traduzem elegância e infundem respeito. Vê-se logo que se está em presença dum grande valor moral. E como é de valores morais que o Espiritismo necessita, não houve uma única voz discordante nos arraiais espiritas, quanto à idoneidade do conferente.

Foi, pois, um triunfo, um grande triunfo, cuja lembrança ecoará, por muito tempo, no nosso espírito.

O Espiritismo fôra atacado no S. Luís por

idealismo de Maria de Betânia; o fanatismo feroz de Saulo, no liberalismo e abnegação de Paulo!

Ao encantamento de tua palavra, meu Jesus, serenam-se as tempestades, os côxos e os paralíticos se locomovem, os cegos vêem, os surdos ouvem, os leprosos ficam limpos, os mortos ressuscitam e aos pobres se faz justiça!

E como não não ser assim, Senhor, uma vez que a tua palavra é o mesmo verbo de Deus que se faz ouvir neste mundo?

um jornalista belga sem autoridade no assunto e logo pensámos numa resposta séria, não à pseudo conferência do jornalista, mas às perguntas silenciosas de muitas pessoas que assistiram depois à verdadeira conferência do Coronel Faure da Rosa.

Foram muitas as diligências, foram muitos os obstáculos, dir-se-ia que influências ocultas se mancomunavam para o fracasso da tentativa. Mas a nossa tẽmpera não conhece limites, quando se trata de defender a Doutrina. E os colaboradores apareceram, dentre os quais queremos citar três nomes que não poderão ser esquecidos: a nossa colaboradora *Léo*, que trabalhou incansavelmente na consecução do nosso objectivo; Joaquim Estêvão Rodrigues, que se revelou duma tenaz persistência e verdadeiro espírito de compreensão, e António Joaquim de Amorim, que nos acompanhou constantemente, demonstrando a melhor boa vontade, no sentido de que o acontecimento resultasse o mais possível brilhante.

Para estes preciosos elementos, vão as homenagens e os agradecimentos de *Estudos Psíquicos*.

Foi a primeira vez que um conferente espirita subiu a palcos lisbonenses, a-fim-de expor abertamente os nossos postulados. Esta circunstância assume alto significado, se atendermos ao momento que atravessamos.

Mais uma vez se confirma o ditado: *há males que vêm por bem*. Sem os ataques feitos ao Espiritismo, não teríamos ensejo de alcançar esta vitória. É caso para desejarmos novos ataques, venham êles donde vierem, certos de que êles nos proporcionarão novos meios de propaganda.

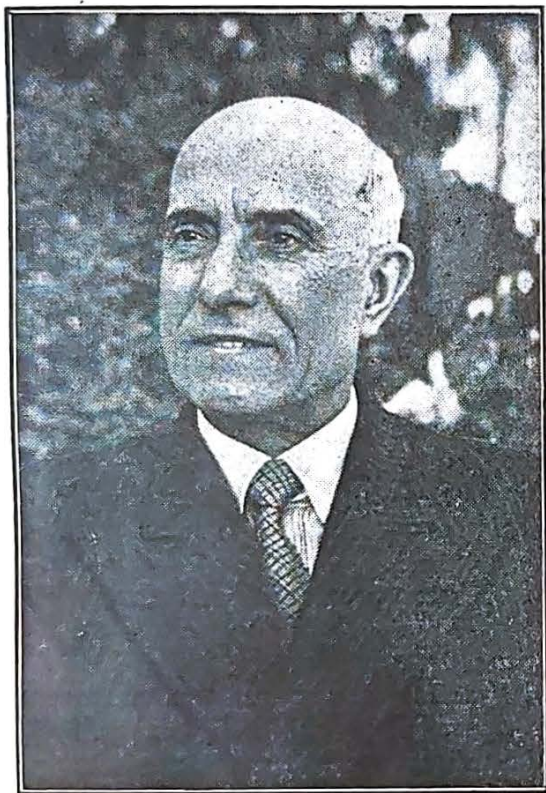
Os espiritas portugueses podem estar tranquilos, quanto à vigilância de *Estudos Psíquicos*, sentinela avançada que não deixará penetrar os inimigos neste sector, seja qual fôr o rótulo que os caracterize.

Estudos Psíquicos não quer apenas ser órgão duma ou outra agremiação. Quer ser órgão do Espiritismo, já que nas suas colunas se defende o Ideal e os seus elementos dignos.

Todos aquêles que servirem nobremente a Causa, encontrarão aqui todo o apoio que merecem.

A conferência

Às 18 horas do dia 17 de Maio, enorme multidão se aglomerava à porta do Cinema Condes, aguardando pacientemente a hora da conferência. Vimos muitas pessoas conhecidas, tais como, velhos confrades que abandonavam a tôrre de marfim para assistir ao



CORONEL FAURE DA ROSA

novo acontecimento, espíritas militantes de vários sectores, teósofos, naturalistas, católicos, materialistas, professores, engenheiros, médicos, advogados, em cujos olhares se notava qualquer coisa de ansioso, pelo que iam presenciar. E também havia muita gente humilde, êsse povo modesto e honrado que procura conhecer os grandes problemas do Espiritismo, doutrina tão combatida por materialistas e agnósticos, mas que resiste a todos os embates das hostes adversas.

Às 18,30, abriram-se as portas e aquela avalanche humana foi entrando paulatinamente, a-fim-de ocupar os seus lugares.

Qualquer coisa de imponderável nos envolvia a todos. Um frêmito de alegria per-

passava na alma dos crentes. A atitude dos outros era de expectativa.

Que se iria passar? Que diria o sr. Coronel Faure da Rosa?...

Assim passaram dez minutos, até que o acender das luzes anunciou a chegada do conferente. Palmas estrepitosas reboaram em todo o teatro, onde numerosíssimo público se instalara, de ouvido à escuta, atento às palavras do velho batalhador espírita, cuja presença se impôs a todos, pela rara distinção do seu porte e pela sua elegância verbal, que deixou nos ouvintes a mais bela das impressões.

O trabalho de Faure da Rosa foi, a espaços, interrompido por aclamações espontâneas, tal o interesse que despertou a sua exposição, que vai ser publicada em separata com todo o relêvo que o assunto merece.

A repercussão na imprensa

Uma das nossas maiores preocupações é o sentimento da justiça. Fazer justiça a quem quer que seja, mesmo que êsse alguém não comungue nas nossas idéias, é um grande prazer espiritual que nos acalma e tranquiliza. Assim, não poderemos olvidar a inexcusável correcção do *Diário de Notícias* que, além de notícias de relêvo acêrca da conferência, que publicou na primeira e segunda página, prontificou-se a entrevistar o coronel Faure da Rosa, tal como fizera a *Pierre Goemaëre*, só o não levando a efeito, em virtude daquêle nosso colaborador se encontrar fora de Lisboa.

Consignamos-lhe, pois, o nosso indelével agradecimento, na pessoa do sr. coronel Pereira Coelho, seu digno Secretário Geral.

Eis como o *Diário de Notícias* se referiu à conferência, em sua edição de 18 de Maio:

«A METAPSÍQUICA À LUZ DOS FACTOS»

A conferência do sr. coronel Faure da Rosa no Cinema Condes

A revista *Estudos Psíquicos* escolheu o sr. coronel Faure da Rosa para inaugurar a série de conferências que ela vai promover, tendentes a provar a sobrevivência da alma humana.

A conferência realizou-se ontem à tarde no Cinema Condes, perante auditório numeroso e selecto, e teve por tema «A metapsíquica à luz dos factos».

O sr. coronel Faure da Rosa tratou o assunto, cuja transcendência é ocioso assinalar, com profundo conhecimento e grande clareza. A sua dissertação, bem ordenada, suscitou, nalgumas das suas passagens, vibrantes aplausos.

Estabeleceu a diferença entre metapsíquica e espiritismo. Criticou, com desassombro e elegância mental, o que classificou de baixo-espiritismo, que aceita tudo quanto falsos médiuns lhe pretendem inculcar. Os charlatães, que à sombra do espiritismo pretendem exercer a sua condenável actividade, merecem-lhe o maior desprezo. E igual desprezo sentia por aquêles que, por ignorância ou má fé, confundiam o verdadeiro espiritismo com certas práticas charlatanescas.

Narrou casos impressionantíssimos de telepatia, de clarividência e de lucidez.

Fundamentou tôdas as suas afirmações em opiniões de cientistas eminentes. Frisou que o Além e o mundo físico se interpenetram. Os seres, no Além, vivem em meios etéreos e devem mover-se com a rapidez do pensamento.

Criticou o materialismo dialético ou moderno. E apontou o facto dum dos seus representantes mais illustres, Marcel Prenant, professor da Sorbonne, reconhecer a existência de manifestações psíquicas em animais inferiores.

Afirmou o seu respeito e a sua devoção pela ciência, mas de nenhum modo aceita que o sábio seja indiscutível, principalmente quando vai além do que não deve, nem pode afirmar ou negar.

E acentuou:

— Há sábios que dizem, em vez do que sabem, o que imaginam saber.

Ocupou-se, depois, dos médiuns. Os charlatães são mais numerosos do que os outros. Declarou que há também entre os falsos médiuns casos de inconsciência. E elogiou um dos bons médiuns que teve Portugal: — Fernando de Lacerda.

Aludiu à importância do movimento espirita, que conta, em todo o mundo, mais de 300 sociedades e 100 jornais em tôdas as línguas. Descreveu o que foram os seus congressos internacionais celebrizados pela sobriedade dos seus debates, pelo valor mental dos que neles tomaram parte e ainda pelo

alto merecimento científico e filosófico das teses de grande, de inultrapassável transcendência neles discutidos.

Afirmou a existência de fantasmas, comprovada por experiências dum indiscutível rigor científico e os termos de reprovação que o sábio professor Richet, prémio Nobel, applicou à ignorância atrevida dos que, com a mais gratuita das audácias, a negavam. E sobre o assunto dissertou com grande brilho. Uma grande e prolongada salva de palmas sublinhou as suas últimas palavras.

Eis como O Século apresentou o seu relato:

«A Metapsíquica à Luz dos Factos» pelo sr. coronel Faure da Rosa

A convite da revista Estudos Psíquicos, órgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, o sr. coronel Faure da Rosa fez ontem no Cinema Condes uma conferência intitulada «A Metapsíquica à luz dos factos», que resultou do maior interesse, não só para os numerosos ouvintes já convictos da intervenção cotidiana dos espíritos na vida humana, como também para os descrentes dessa teoria.

Mantendo na sua exposição um ritmo meramente didático e informativo e sem controvérsias, o conferente juntou inúmeros argumentos demonstrativos do cepticismo do homem em fenómenos de carácter puramente material que, a-fim, se transformaram, com o andar dos tempos, nas bases da ciência e do progresso, concluindo que a incredulidade daqueles que atacam a possibilidade das manifestações do Além através dos espíritos se apoia em alicerces frágeis e facilmente destruídos por todos aquêles que sinceramente se eludem da eloquência dos factos narrados numa extensa bibliografia dedicada a essa grande interrogação da inteligência humana.

Numerosas foram as citações colhidas nessa biblioteca, para concluir com argumentos que aos crentes pareceram decisivos, embora os descrentes se mantenham na sua trincheira de cepticismo. Uns e outros, contudo, aplaudiram, no fim, o sr. coronel Faure da Rosa, pela elevação e brilho da sua conferência.

O Comércio de Leixões transcreveu, em fundo, a apreciação do Diário de Notícias, dando, assim, o seu aplauso à conferência.

Emfim, o Espiritismo entrou no domínio

«Espiritismo para homens»

pelo Dr. Luiz M. di Ecistóforo

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires)

N O momento em que o mundo vive um dos mais interessantes períodos da sua história e em que tudo convida a vivê-lo intensamente, o isolamento, — quer numa torre de marfim, quer num barco à deriva — pode ser muito cómodo, sem dúvida, mas transcende a cobardia e o ceticismo deprimente».

Eis aqui as palavras profundas dum nosso pensador contemporâneo. Muitas vezes temos meditado nelas, antes de emitir opinião, acabando, finalmente, por lhes dar o nosso inteiro apóio.

Nós, os espiritas, que lutamos por um objectivo superior para tóda a humanidade sem distinção: nós, que dispomos duma larga bandeira com a legenda «Tudo por um melhor conhecimento do homem», apoiamos as palavras acima expostas.

É necessário que fundamentemos o nosso intuito colaboracionista. Perante a ousadia sem nome de «O Espiritismo somos nós» que por aí se afirmou, declaremos — desde já — que isolar-se alguém, a pretexto de exercer qualquer acção, divorciando-se das graves questões primaciaes que o Espiritismo contém, é, decidamente, emparedar-se.

Nós afirmamos que o fim do Espiritismo, quanto a ideologia construtiva, não é um fim melancólico. Não ensina a deixar morrer, mas a ser homem no melhor dos sentidos. E homem de idéias, que é duplamente difícil neste mundo em armas. Possuir idéias

não significa estar uniformizado com as idéias. Idéias uniformes significa mimetismo de posição. Referimo-nos às idéias comprimidas na labuta de todos os momentos.

Sustentamos que o Espiritismo compreende e descobre o homem. E compreender é criar. Ergo: O Espiritismo cria o homem.

Eu não creio na transplantação do homem, mas sim no seu descobrimento, ou, melhor ainda, no descobrimento do homem no sentido de conhecimento criador.

Do Espiritismo não brotam ódios, mas amor, visto que, em vez de erro, dêle emana a verdade esplendente do conhecimento. O Espiritismo demonstra que o corpo pode ainda ser um lugar de honra para a alma, sobretudo quando se compreender que o corpo não pode dobrar-se, a expensas da dignidade. O Espiritismo ensina que, ajoelhar-se, quando é preciso atacar, é atraiçoar-se a praso fixo.

O Espiritismo é tanto causa de liberdade, como causa de conhecimento. Mal crê quem crê que o Espiritismo é símbolo de liberdade. O Espiritismo é causa vivificante de liberdade, é força actuante de liberdade e de luta pela dignidade de viver livremente. O Espiritismo é reivindicação de idéias em função de liberdade criadora. O Espiritismo é força e é consciência; é amor e responsabilidade; é justiça e verdade; é dignidade e civismo. Quer dizer: o Espiritismo é o novo homem. E a nova consciência do homem. É verbo e realidade ao mesmo tempo; é profundidade e elevação humana; é ideologia e procedimento, critério e responsabilidade; é meio e fim de elevadas aspirações de superação da dignidade de viver e saber para que se vive. É um credo filosófico e uma verdade científica; é um norte moral e uma atitude social, bem como assimilação de conhecimentos. É conhecimento e acção. Eis, porque cremos na função superior do Espiritismo e na função superior do homem. Um e outro são manifestações da mesma realidade.

público, como ciência filosófica e religião, dignas de estudo sério. Já lá vai o tempo do *credo quia absurdo* e do *magister dixit*. Hoje, há uma só fé admissível: a que é baseada no raciocínio e na lógica; e uma só autoridade reconhecida: a que deriva do saber e da experiência. Nesta conformidade, nem a Ciência, nem as religiões podem combater-nos com argumentos que valham, simplesmente porque uma e outras são falhas de argumentos.

O destino do Espiritismo não é o destino das coisas vãs. A difícil tarefa do Espiritismo é conservar o estilo do homem em bases mais elevadas.

Pode fazer do homem uma jóia de arte. É por isso que lhe insufla o sentido da imortalidade. Isto parecerá estultícia, mormente nas actuais circunstâncias, nestes tempos de desprezo, característicos da decomposição de todo o sistema, sobre o qual se tem desenvolvido a sociedade humana. Tempo de desprezo — como disse Malraux: desprezo de idéias, desprezo de atitudes, desprezo de virilidade, desprezo de consciência, desprezo da lei, desprezo do direito. Até desprezo desmascarado do homem. E como tudo necessita de compensações, pretende-se encher o vácuo dos desprezos — oh presunção! — com qualquer leviandade que possa ser menosprezada por todos. Quer dizer: querem preencher aquêle vácuo com alguma coisa desprovida de valor. É então quando se fabricam idéias «cartonnées».

O Espiritismo aprende a sua lição. Decapitar as idéias, é decapitar o homem, o que equivale a matar uma nova galinha de ouro. Há que firmar a pontaria. Trabalhem para decapitar o inimigo do homem. Decapitemos o homem disfarçado de homem que quer decapitar o homem que não estava disfarçado de homem, porque sabe que é homem. Entre um cavernícola e um homem, vai uma distância respeitável: a distancia da dignidade e conhecimento desta grande virtude.

A mensagem de saüdação que o Espiritismo envia ao homem é, pois, uma mensagem de redescobrimento. O Espiritismo constitui uma nova experiência para a velha humanidade. É audaz e sereno nos seus objectivos. Mostra ao homem o que retarda a sua ascensão e o que pode fazê-lo avançar sem obstáculos. Explica-lhe leis e oferece-lhe soluções. O homem deve escolher livremente. Depois, veremos se gosta de ser antropóide ou se procura reivindicar a sua qualidade de homem.

O Espiritismo é um meio, dizíamos nós. Acrescentemos que o homem é um fim. O escôlho da compreensão salva a dignidade espiritual e intelectual da essência superior do Espiritismo. Com o Espiritismo, não valem as aparências. É-se ou não se é.

O Espiritismo vem clarear o horizonte carregado de pardacentas nuvens. E como o horizonte está carregado de nuvens, o Espiritismo pode servir de esteio ou de bú-

sola. É que o Espiritismo é um apêlo espiritual em função de humanidade. ¿Passará o apêlo das opressões que matam, em função de interesses criados?

O Espiritismo exerce-se a favor da não-agressão. É uma dignidade invulgar que deseja ser encarada de maneira que, em caso de defesa, possa alterar a sua forma de agir. O Espiritismo é um caso de defesa humana. Entenda, pois, o homem a mensagem que tal reivindica e lhe dá hierarquia. Semelhante conteúdo possui uma causa justa, natural e evolutiva. Natural e superior. Não perca o homem essa causa elevada por simples recursos processuais lançados na arena pelos interesses mesquinhos. Equilíbrio e sensatez, eis os envoltórios da verdade e da dignidade. Digna função esta, a do Espiritismo que dignifica a função do homem, fazendo-lhe também compreender a sua natureza divina.

A luta do homem com o próprio homem ultrapassou a sua primeira expectativa, semelhantemente às coisas dos países que passam a ser coisas do continente. Seguindo o curso da onda, as coisas do continente são coisas do mundo. ¿Será por esta razão que a outra humanidade chama tanto a atenção desta humanidade, feroz e fraticida?

O Espiritismo é um sistema filosófico. E, como todo o sistema filosófico, é fácil de refutar. O pior é que o Espiritismo é uma coisa de laboratório. Aqui já não quadra aquela atitude tão comum e tão fácil de negar. É esta, meus senhores, a tremenda realidade do Espiritismo que nós possuímos, nestes transe difíceis que a humanidade atravessa.

¿Podereis, então, explicar, como eu explico, porque temos uma teia entre as mãos?!...

A MORTE

Morrer é tão fácil e simples, como o adormecer e o despertar. O nosso corpo etéreo escapa-se do corpo físico, levando consigo a mente e nós despertamos noutro meio, onde encontramos os amigos e os que connosco entretiveram relações, prontos a ajudar-nos e a instruir-nos na nova vida. A morte é apenas a separação entre êsse corpo ou estrutura etérea e o corpo físico. Êste volta para a terra; aquêle, dirigido pela mente, continua a agir no mundo etéreo, o qual, com e sem o físico, ainda não podemos avaliar, visto nos acharmos circunscritos no corpo perecível. O grau da nossa visão e do nosso tacto é muito restrito para apreciar vibrações mais subteis.

J. Artur Findlay

NOVAS EXORTAÇÕES

por Repec-Siam

Comunicação recebida psicograficamente em 35 minutos no dia 12 de Abril, na presença da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, à qual foi destinada.

A todos vós, que acudistes ao meu chamamento, muito e muito obrigado.

A hora que passa é das mais difíceis para toda a humanidade. Por isso, é necessário criar obstáculos à onda avassaladora de desânimo que invadiu alguns, à onda de revolta que assaltou outros e à inércia da maioria, os quais, semelhantes a burros de carga prestes a sossobrar, não dão conta dos perigos que os ameaçam.

O Espiritismo veio na hora própria, porque só a nossa filosofia tem raízes numa ciência racional e científica. As demais filosofias estão cheias de retórica inconsistente apoiada em metafísicas e coisas obsoletas.

Sendo assim, todo aquêle que uma vez encarou a luz, tem o indeclinável dever de trabalhar para a seara e quando, por qualquer motivo, o não possa fazer, deve apoiar os que o fazem, sem outro intuito que não seja o de ver progredir uma doutrina que redimirá os homens, não a exemplo da redenção que as igrejas preconizam, mas pelo trabalho e pela expiação de erros passados. Portanto, o caminho é um só e quem quiser tergiversar, quem quiser seguir por atalhos, já sabe que não segue bem.

Isto vem a-propósito do que se tem passado nas associações espiritas do vosso país. Os obreiros são poucos e, dêsses poucos, alguns há que são combatidos, que são caluniados, como se para trabalhar na nossa seara fôsse absolutamente necessário possuir as virtudes dum justo, dum santo, além das naturais qualidades de trabalho do homem. Como ninguém pode alterar o ritmo das coisas, temos que aceitá-las como elas são e caminhar baseados nesta realidade.

O Centro, — já vo-lo disse — está sendo vítima da maior intriga que se pode imaginar. Forças daqui mancomunam-se com outras daí, no sentido de vibrar terrível golpe no

maior baluarte dos que em terras portuguesas elevam a Doutrina. O obstáculo a opor a tão maus pensamentos é fácil de levantar. Basta que todos se unam na mesma idéia. Basta que fechem os ouvidos à calúnia e à mentira, porque o pudor já não encontra lugar nas almas torvas que empreenderam tais desmandos.

Os dirigentes do Centro Luz e Amor, bem como todos aquêles que se interessam por êle, já tiveram um exemplo do que pode a maldade, quando encontra agentes sem escrúpulos. É preciso, pois, que se evitem escândalos, os quais, se continuar, deitariam a baixo todo o esforço dispendido nestes últimos tempos.

Pelo fruto se conhece a árvore e crêde, irmãos, que não há outra medida de aferição mais exacta e verdadeira.

Sejam quais fôrem os trabalhos prestados ao Ideal, sejam quais fôrem os diplomas e demais pergaminhos que alguns apresentem, isso de nada valerá, em face da acção nefasta que êsses mesmos estão produzindo.

Pelo fruto se conhece a árvore, repito. Assim, todo aquêle que não olha a meios para conseguir os fins e que já mostrou do que é capaz, quando a cegueira o arrasta, deve ser isolado e afastado, para que trabalhe quem pode e quer e sabe trabalhar.

* * *

Neste campo, todos os elementos devem ser aproveitados, visto que a obra necessita de todos os obreiros, ainda os mais humildes; mas aquêles que se transviaram, cometendo acções, como as que fôram presenceadas neste Centro e noutras colectividades, devem ser vigiados e afastados, já que não podemos modificar ninguém, dum momento para o outro.

Meus amigos, atendei no que vos digo: O Mal quer suplantar o Bem. Os homens tentam equilibrar-se em falsos tranpolins, sem saberem para que lado se hão de virar.

Os luminares vigiam, mas a onda não poupa ninguém. A torrente de maldade vai

penetrando nos tabernáculos e o Espiritismo não podia fugir ao extravazar da onda.

Uni-vos, pois, contra as armas traiçoeiras da intriga. Defendei o que vos foi confiado. É mais fácil defender o que já está erguido, do que recomeçar.

O Centro Luz e Amor é uma força. O Centro Luz e Amor é um luzeiro. Usai essa força e embebei-vos nessa luz, espalhando-a aos quatro ventos.

O Centro Luz e Amor é um tabernáculo do Senhor. Praticai nele a caridade, aliviando os desgraçados que aí afluam, e iluminai todas as almas errantes que por este espaço enorme andam a praguejar, sem uma estrêla que as guie.

Tudo o que este centro é susceptível de produzir depende da maneira como o souberdes orientar. Em vez do Bem, só produzirá o Mal, se derdes ouvidos à intriga que tudo enegrece e deturpa, não obstante os actos puros que se pratiquem.

Vós já conheceis a força dos que vos atacam. Não é necessário insistir. Mas sempre vos direi que não conteis com rasgos de justiça e de bom-senso dos que vos perseguem. Não conteis com a sua caridade, porque, enegueirados como se encontram, não verão o lodaçal em que caíram.

Abri os olhos e vêde o panorama que o Espiritismo vos apresenta: dissensões e coisas mesquinhas absorvem a actividade de quem devia trabalhar.

Daí, pois, o vosso apóio a quem trabalha, a quem deseja singrar nesse mar proceloso. A cada um, segundo as suas obras.

Bem sei que nem todos conseguirão produzir o que desejam; crêde, porém, que, auxiliando e apoiando quem trabalha, já prestais um grande serviço, um serviço meritório aos olhos dos Guias do Espiritismo Português.

* * *

O que aqui se passa é desolador. Dum lado, os espíritos dos recém-desencarnados, daqueles que encontraram o passamento, esfacelados no ribombar da metralha; do outro, a multidão daqueles que, há muitos anos, andam ao acaso, sem um pálido arrebol que lhes indique novas paragens.

A Terra apresenta um aspecto desolador: tudo em lama, tudo em trevas. Concorrei, pois, para essa obra redentora de que se fazem eco o Centro Luz e Amor e todos os que trabalham para o mesmo fim.

Transformai o vosso Centro numa oficina de trabalho e não deis ouvidos aos que ali pretendem espalhar a sizânia, arrastando os humildes, com palavras empoladas. Não deis ouvidos àquêles que se julgam os únicos competentes, os únicos fadados para mandar.

Não, irmãos e amigos. Estamos na época em que, quem manda, é quem mais trabalha. Portanto, o Centro Luz e Amor está na razão.

Perdoai, se não soube falar-vos melhor e expor mais claramente o meu pensamento; bem sabeis quão difícil é para um espírito manifestar as suas idéias através de terceiros. É preciso que aí se conte com as dificuldades que encontramos na comunicação. E a propósito, quero referir-me a um facto recente e que, parecendo não ter importância, tem, na realidade, muita. Foi o caso de se exigirem provas da vossa médium, a fim de convencer determinada pessoa acerca da veracidade dumas comunicações. Trata-se de infantilidades fora de toda a discussão elevada.

¿Como pode um espírito dar provas dessas, através de médiuns incipientes, de médiuns que quando transmitem as nossas idéias já fazem muito?

Se soubessem avaliar as dificuldades da comunicação, não se cometiam tantas faltas, que muitas vezes desacreditam a Doutrina. É preciso que vos compenetreis de que a comunicação connosco é qualquer coisa de difícil. Com êsses desgraçados que andam apegados à Terra, é mais fácil, mas creio que semelhantes comunicações nada vos adiantam, nem deveis dar crédito a quaisquer informações que êsses espíritos vos dêem, quando elas estiverem fora do âmbito dos mesmos.

* * *

Irmãos espíritas, que estais ainda na infância: é tanto e tão grande o que há para revelar, que a revelação que já vos foi concedida representa um simples grão da areia na imensidade planetária. Por isso, sempre que um espírito vos diga coisas mirabolantes a respeito do Além, guardai toda a reserva, porque tudo será dito a seu tempo. Por agora, aproveitai o pouco que vos é dado, mas verdadeiro. Aproveitai-o.

Causa tristeza o que se passa em muitos grupos. É deveras lamentável que no próprio seio do Espiritismo se faça contra-propaganda, atribuindo paternidade anónima a certas comunicações. Mas, a-pesar-de tantos abro-

CARTA AOS CONFRADES DE LISBOA

por Henrique Magalhães

É com viva satisfação que envio aos irmãos de além-mar a mais afectuosa saudação, na hora amarga que atravessa o Mundo.

Terras áridas (a nossa pátria) para implantação do cristianismo primitivo, ou seja o Espiritismo, necessitam, por isso mesmo, de homens de inteligência forte e boa vontade para cavar o solo duro, adubá-lo e lançar à terra a boa semente, a qual frutificará a seu tempo.

Esse trabalho é de difícil execução. As consciências, na sua quasi generalidade, estão embrutecidas, pela falta de estudo do Evangelho do Cristo, em espirito e verdade. É preciso um esforço sobrehumano, da parte dos lavradores dessas incultas terras, para despertarem os homens da apatia e do indiferentismo das coisas da alma, inoculando-lhes a nova seiva, através do Espiritismo nascente.

Para obter esse resultado, é necessário que os novos levitas se armem de brandura e humildade, resignação e desprendimento das coisas do Mundo.

Os que não possuírem essas virtudes, pouco ou nada poderão produzir, levando-se em conta que o exemplo é o maior ensinamento.

Para esse ponto chamo a atenção dos confrades de Lisboa, — se mo permitem, — pois, pela leitura da Revista de Espiritualismo, de Junho do ano passado, verifica-se que divergências existem entre os precursores da Boa Nova, e isso pode transformar-se em pedra de escândalo. «Ai do Mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem os

escândalos vêm!...» (Mateus, Cap. 18; vers. 7).

Jámais deviam vir a lume tais questiúnculas, as quais darão em resultado fornecer armas aos contrários, que sempre aproveitam os mínimos pretextos para rebaixarem o Espiritismo. Assim sendo, a melhor resposta em casos tais, é o silêncio, pois, quem se humilha, eleva-se.

A doutrina dos Espíritos é baseada na tolerância, caridade e amor. Essas três virtudes nos levam à fraternidade. Assim, cumpre-nos cultivá-las, para não desmerecermos o nome de espiritas; e mais razão têm de as possuir os que ocupam lugares de responsabilidade no seu seio.

Neste transe doloroso devemos lembrar das palavras de Jesus, dirigidas aos discípulos, horas antes de ser entregue aos verdugos: «Um novo mandamento vou dou: Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos» (João, Cap. 13; vers. 34 e 35).

É para este amor que convido os meus irmãos, perdoando-se mutuamente, trabalhando, cada um no seu sector, para o engrandecimento da obra, sem se molestarem, pois que, desta ou daquela forma, todos trabalham para o mesmo fim.

Que o Pai Celestial envolva a todos, na sua infinita misericórdia, dando-lhes Luz e Amor para o discernimento das coisas santas, é o que deseja o pobre irmão

HENRIQUE MAGALHÃES

lhós, de tantos obstáculos, o Espiritismo tem que singrar. E creio que o Centro Luz e Amor caminhará na senda que traçou. Creio que o apóio não faltará. Creio que os colaboradores não trairão. Bem sei que os traidores estão em toda a parte; mas, se entre vós apparecerem, como é natural, nem por isso fraquejareis, nem por isso abandonareis a marcha. Um soldado que cai, só por si não impede a vitória. O que é preciso é resistir, o que é preciso é vencer, sejam quais forem os ataques.

Vós não podeis usar armas que o Senhor não aconselha; por isso, usai só as que vos

aponto: vigilância, resistência e saber fechar os olhos e os ouvidos à intriga, seja qual for o manto de paz com que se disfarce.

Meus irmãos, os tempos chegaram; e aquêle que não aproveitar o que tem, chorará lágrimas de arrependimento.

Resisti, pois, afastando os perturbadores, não fazendo caso dos que fraquejarem a meio caminho.

Espero que sabereis compreender as minhas palavras, ditadas com acrisolada fé. Obrigado pela vossa atenção.

Defendei-vos com armas cristãs! Sempre para a frente! Depois, tereis a recompensa.

ESPIRITISMO E TEOSOFIA

M/jun./42
por Haydi de Tebelen

II

O último profeta de Israel, como nós sabemos, foi Jesus de Nazaré.

Jesus foi o médium divino por excelência, foi o maior inspirado de quantos o sópro divino enviou à terra.

Decorreram séculos, e, ainda no Oriente, no misterioso silêncio que emana do deserto, nessa serenidade que se comunica à nossa alma, e nos transporta às regiões do sonho, Mohamede, o fundador do Islam, escreve o Corão.

Mohamede era pouco culto, e escreveu êsse monumento da língua árabe inspirado por um espírito que lho ditou. Êle escrevia em transe, com vertiginosa rapidez, o que vozes misteriosas lhe ditavam.

Quem se der ao cuidado de estudar o que foram as primeiras assembléias de cristãos verificará que elas foram verdadeiras sessões de Espiritismo.

Nas Epístolas e nos Autos dos Apóstolos, S. Paulo dá instruções aos fiéis sobre as regras a observar nas reuniões culturais; S. João ensina a distinguir os bons dos maus espíritos. Santo Agostinho e S. Tomás d'Aquino, comunicavam com os espíritos — logo, eram médiuns.

O cristianismo também baseia as suas manifestações no Além-Túmulo.

Cristo em sua vida andou sempre rodeado duma multidão invisível, e depois da sua morte física, aparece aos seus discípulos.

¿O que eram «as vozes» que levaram Joana de Arc a desempenhar na história da França um papel tão pouco em harmonia com a sua modesta condição social? ¿Como explicar que aquela criança de 18 anos, absolutamente inculta, pudesse colocar-se à frente da corte de Carlos VII para o fazer coroar, e em seguida à frente de um exército e salvasse a sua pátria, ela que nada conhecia de política, nem de estratégia militar?

¿Como se explica a proficiência com que Joana respondia aos juizes, a ponto dêstes terem conferências para estudarem as suas réplicas?

A Donzela de Orleans tem a consciência da missão sublime que desempenha, e faço minhas as palavras de Léon Denis, quando afirma:

«A vida de Joana de Arc como médium e missionária, seria sem igual na história se não tivesse havido antes dela o Mártir do Calvário».

Ouçamos o que ela diz em face da morte, iluminada pelo clarão dum outro mundo, mais justo que aquêlê que a estava condenando.

«Eu amo a Igreja e sou boa cristã. Mas quanto às obras que tenho feito e à minha vinda devo confiar-me ao rei do Céu que me enviou. Eu vim da parte de Deus e dos santos e das santas do paraíso, da Igreja vitoriosa lá de cima, e por sua determinação; a essa Igreja submeto todos os meus actos e tudo o que tenho feito ou vou fazer».

E o místico Nuno Álvares Pereira, nos seus êxtases, tinha as intuições precisas, matematicamente exactas, sobre as vitórias que sabia iria alcançar também para o engrandecimento da sua pátria.

Ê que a Virgem de Orleans e o Santo Condestável, sendo dois iluminados, eram conseqüentemente possuidores de extraordinárias faculdades psíquicas, entre as quais a mediunidade indispensável para receberem directamente as instruções que lhes eram dirigidas pelo Astral Superior.

Assim se confirma o que no mesmo sentido nos diz o padre Le Brun: «As almas que desfrutam a bem-aventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar pelo que respeita aos homens cujas misérias suportam; e, como atingiram a felicidade dos anjos, todos os escritores sacros lhes atribuem o privilégio de poderem, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se encontram na terra, para consolar e lhes transmitir as suas vontades».

O que era o dom ou poder sobrenatural de Ana-Catarina Emmerich, de que nos fala

a Igreja Católica, pela pena autorizada do Cardial Gibbons, arcebispo de Baltimore, quando afirma: «Não tenho conhecimento de revelações tão ricas, tão profundas, tão maravilhosas e surpreendentes no seu género, como as da piedosa Ana-Catarina Emmerich. Descreveu a vida e morte de Jesus e de sua Mãe, assim como de vários santos. Era, além de extraordinária vidente, grande curadora».

Nuno Álvares Pereira, Joana de Arc e Catarina Emmerich não estudaram Teosofia. Concedeu-lhes Deus as faculdades naturais que os dois primeiros utilizaram ao serviço das suas pátrias, e a última ao serviço do Cristianismo. Aquêles que vêm à Terra com o dom da médiunidade, devem praticá-la também em auxílio dos seus semelhantes, seja ao serviço da Ciência transmitindo ensinamentos e demonstrações, como Florence Cook, e ultimamente de dois médiuns checos receptores de rádio, como os que praticam a caridade física, sendo médiuns curadores, ou a caridade espiritual, auxiliando a esclarecer aquêles que se encontram na perturbação, no Além, e ainda quando mitiga a dor e a saudade entre entes queridos que se encontrem separados nos dois mundos: o visível e o invisível.

!Quanto amor, quanta caridade nas diversas modalidades da mediunidade!

A Igreja Católica de hoje reconhece o alto valor da médiunidade, e santifica aquêles que ela cobre com o seu manto, como Joana de Arc, Nunálvares, Catarina, etc.

O cardial Bona afirmou que: — «É motivo de estranheza que se possam encontrar homens de bom senso que tenham vindo negar, em absoluto, as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuí-las a uma fantasia da imaginação ou á arte do demónio».

É pois de estranhar que no mundo profano, e em especial no meio teosófico, os médiuns sejam classificados de loucos. Já vimos que a médiunidade, longe de levar à loucura, cura-se e ela serve também de elemento condutor para altos espíritos virem até junto de nós, auxiliar-nos no pesado fardo que arrastamos na terra.

Voltando à Teosofia, dá-nos ela o lado teórico, místico ou científico, segundo o temperamento d'aquêle que por ela enveredou.

O Espiritismo apresenta-nos as provas da reencarnação. Explica-nos, ensina-nos a razão do nosso Karma, e sempre a Misericór-

dia Divina nos envia alguém para nos acalantar nas horas dolorosas da existência.

!Quantos desesperados devem ao Espiritismo a sua salvação pelo encontro com um ente amado que lhes provou a sua existência no Invisível, e lhes indicou o caminho na terra, e os arrancou ao desespero, à dúvida, e à descrença?

Eu sei que, ao que acabo de expor, os nossos irmãos teósofos argumentam ainda, dizendo que a médiunidade apresenta pontos antipáticos em extremo, tais como: — A passividade ou *renúncia da individualidade* do médium, e a *incerteza da autenticidade das comunicações*.

À primeira objecção direi que o médium exerce a sua médiunidade de motu-próprio, pois que a sociedade não obriga a ser médium. Nestas condições, oferecendo as suas qualidades médiunicas aos espíritos, faz uso do seu *livre-arbítrio*.

Além de que há pessoas, e eu conheço algumas, cujo estado de saúde necessita da prática da médiunidade. O contrário leva-as a doenças que os médicos consideram «incuráveis». Logo, há «alguma coisa» que obriga essas pessoas a cederem e a colocarem-se ao serviço do Mundo Invisível. São missões que têm de se cumprir, porque são ordens do Alto.

Quanto à incerteza da autenticidade das comunicações, direi que ela depende de nós próprios, fornecendo aos espíritos um ambiente propício às suas manifestações:

1.º — Se o médium fôr pessoa de boa moral, procurando ou possuindo elevação espiritual e a sinceridade indispensável ao cumprimento da sua missão, êle será sempre assistido por um Guia forte do Astral Superior.

Êste guia o rodeará de protectores, e dirigirá os seus trabalhos, tendo a força precisa para impedir que o Astral inferior nêles venha imiscuir-se causando perturbações ou fraudes.

2.º — Os assistentes das sessões deverão acompanhar o médium quanto possível nos mesmos princípios, afim de criar a necessária corrente de homogeneidade para que os bons espíritos se possam manifestar. Só assim se evitam as fraudes.

Na Teosofia passa-se algo de semelhante. Para que uma concentração dê o resultado necessário é indispensável que todos os seus componentes pratiquem as mesmas regras.

Notas & Comentários

Personalidade...

Há no Espiritismo três ou quatro papagaios que repetem velhas árias, sempre empoeirados no mesmo nicho e obedientes à mesma ordem de comando... Essas almas-de-cântaro não admitem a personalidade, que distingue os homens uns dos outros. Para eles e para os seus mentores espirituais, ter personalidade é ser exclusivista, é ser violento. É mais ainda: É fazer-se obedecer por elementos passivos, sujeitos a estranhas leis biológicas...

De nós dizem eles que cultivamos a personalidade. E por isso nos atacam, e por isso desvirtuam as nossas melhores intenções.

¿Temos uma idéia razoável, útil à colectividade? Conspiração do silêncio.

¿Cometemos um erro ou uma simples inadvertência? Cai-nos em cima o Carmo e a Trindade.

¿Fazemos triunfar uma tese, em concorrência com outras mais ou menos valiosas, mais ou menos oportunas? Aqui-del-rei que temos personalidade, a tal personalidade que eles não toleram.

E entram em acção os papagaios, os parolheiros, os verborreiros mal afiambrados, de relambórias atitudes... Obedecem a forças ocultas, cuja «chave» ficou à vista de toda a gente. História de «gato escondido»...

Nós compreendemos uns, e outros — despersonalizantes e despersonalizados. Sabemos que espécie de receio os inquieta. Conhecemos-lhe a inteligência e o carácter. E procedemos segundo a consciência, harmonizando actos e palavras, procurando impor o Ideal pelo exemplo.

Temos personalidade? Ai de nós, se a não tivéssemos. Seríamos como os fungões, que se desfazem em pó, reduzidos a películas que o tempo inutiliza e destrói.

¿Porque nos atribuem personalidade? Que vem a ser personalidade?

Eis como Salazar a define, no seu notável discurso de 25 de Junho:

«A personalidade afirma-se por qualidades próprias, por vocações decididas, por servi-

ços marcantes, pela forma inconfundível de pensar, de sentir, de actuar na colectividade, através de idéias, de fórmulas, de novas soluções. A personalidade não receia o estrangeiro ou o importado, porque não o copia, nem se lhe escraviza, tudo fazendo passar por esse cadinho misterioso que é a alma dum povo; aproveita toda a contribuição útil ou conquista realizada, não como quem des cansa em tarefa alheia, mas como quem se inspira e recebe incentivo para trabalho seu».

Se os papagaios, verborreicos e parolheiros nos atribuem semelhantes qualidades, só temos que lhes agradecer, reverentemente.

Em boa verdade lhes dizemos que mais vale ter personalidade, do que ser acanhado e inepto como João Peanha...

Afinal, somos quem somos, com personalidade ou sem ela. Ninguém pode acrescentar um côvado à sua altura. E se não partilharmos do «morra homem, fique fama», lembremo-nos muito bem que «dos fracos não reza a história»...

Onde está ela?

Nunca, como agora, o Espiritismo teve mais desenfreados inimigos. Nunca, como agora, esses inimigos se desmascararam, quer nas intenções, quer na fraseologia, através de campanhas repugnantes e jesuíticas.

Falhos de autoridade moral, descem aos mais indignos expedientes. Misturam tudo, baralham tudo, deturpam tudo, aferrados à ordem que os manda abdicar do raciocínio e aceitar como boa a *fé imposta*.

As *Novidades* são o arauto desses inimigos. Em nome do Cristo, agridem e caluniam. Em nome do Cristo, falseiam a verdade. Em nome do Cristo, promovem tenebrosos conluios, onde executam em efígie os que não pertencem à mesma confraria ou não comem na mesma gamela.

E no meio desta celeuma, única na história do Espiritismo, sai-nos da pena esta ingénua pergunta:

—¿Onde está a Federação Espirita Portuguesa? Onde está ela, que não esboça um

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A alma dos animais

The Greater World publicou há tempos um artigo do coronel Esquirol, em que se demonstra que certos fenómenos psíquicos são extensivos aos animais.

— Os cães podem ter o pressentimento da própria morte?

— Podem — responde o coronel — baseado no seguinte caso divulgado pela revista francesa *Psychica* e que levamos ao conhecimento dos leitores:

«Sou um grande apaixonado pela caça. O meu jovem amigo Paul H. tinha um lindo cão chamado Perdreau, com cerca de quatro anos de idade.

«Há duas semanas, fomos os dois à caça. Dias depois, Paul chegou muito cedo a minha casa. Vinha com sua mãe, em cuja propriedade se realizaria a nova caçada. Esta senhora era muito sensível e muito observadora das praxes religiosas. Eis o que ela me disse, logo que me cumprimentou:

— Não sei o que acho no nosso cão. Como sabe, quando êle compreende que vai partir para a caça, fica excitadíssimo, ao contrário do que hoje sucedeu. Ao fazermos os preparativos usuais, meteu-se no canil do jardim e não respondeu ao chamamento de meu filho. Teve que vir dentro do carro. Contudo,

gesto, uma atitude? Ter-se-ia escoado por algum alçapão de mágica?

E, como o poeta da cantiga,

Falo, ninguém me responde...

Olho, não vejo ninguém!...

Ora, onde está! Hibernou ou encontra-se em estado comatoso, à espera de que um cadáver a tire de maus lençóis, dando os ossos ao manifesto. Um cadáver a empunhar o bastão de comando que os *marechais* abandonaram é qualquer coisa de inédito que leva às conclusões mais interessantes...

Perdreau está de perfeita saúde. Nunca o vi proceder assim.

«Olhei para o cão e acariciei-o. Êle nem sequer moveu a cabeça. Então, disse a madame H.:

— Realmente, é extraordinário!

O articulista confirma, a seguir, a enormíssima excitação do animal, ao mais leve sinal de preparativos de caça. Ladrava furiosamente e saltava de alegria, até que toda a bagagem estivesse pronta. Depois, acrescenta:

«Chegámos à herdade às nove horas. Meia hora depois, começou a caça às perdizes. Às onze começou a chover e ficámos encharcados até os ossos, pelo que decidimos regressar à casa da herdade. Ao passar num campo de forragens, que nos separava do caminho, ouvi um tiro e, a seguir, o latido do cão. A princípio, julguei que se tratasse da perseguição a qualquer lebre ferida, mas depressa compreendi que Perdreau gemia agonizante. Os uivos tornaram-se cada vez mais fracos, até que cessaram completamente.

«O jovem Paul correu para o animal e gritou muito comovido:

— Matei o meu cão!

«O meu amigo explica, então, que julgara ser caça escondida entre as plantas e que o cão se encontrava atrás dêle. Ficou tão consternado que até chorou. Sua mãe também ficou muito penalizada.

«Como é que o animal teve tão forte pressentimento? Não posso responder categoricamente; por isso me limito a expôr os factos, na sua clareza impressionante».

Psychic News também contou há poucos meses um fenómeno bem curioso que nos leva às mesmas conclusões do coronel Esquirol.

Um dia, a senhora Howels, médium vidente, conversava com um rapaz que a fôra visitar e a quem disse que via um cão negro muito bonito.

— Deve ser o meu — respondeu o rapaz.

— É muito bonito e tem ganhado muitos prêmios.

A médium informou que o cão tinha morrido, mas o rapaz não acreditou, afirmando que o cão estava bem vivo, pois ainda na véspera recebera carta de sua mulher, em que falava no animal.

No dia seguinte, porém, recebia nova carta da mulher, anunciando-lhe que o cão fôra morto pela sogra, por esta julgar que ele tinha mordido uma criança.

A aparição anunciara ao dono a morte do seu fiel amigo.

Há muitos exemplos que revelam a existência do princípio pensante nos animais. Na canhoneira *Lima*, que estacionou em Macau de 1907 a 1909, havia um interessante perdigueiro chamado *Gabiru* e pelo qual a guarnição tinha a maior estima. Não sabemos por que artes ou processos o animal foi amestrado, o certo é que aprendeu a contar até 12.

Quando a carne entrava para bordo, o bom do *Gabiru* aproximava-se da cozinha e ali permanecia em expectativa, até que um dos marinheiros incumbidos da distribuição cortava um naco, passava-o pelas brasas e o dividia em 10 ou 12 bocadinhos, colocando-os em fila sobre o convés.

— *Gabiru*, come dois bocados.

E o simpático animal comia dois bocados.

— *Gabiru*, come mais três bocados.

E três bocados desapareciam, imediatamente, nas suas goelas.

E assim sucessivamente, até comer toda a carne escolhida para o efeito.

Se lhe mandavam comer só dois ou três bocados, comia-os, lambia-se... olhava para o resto... mas não lhe tocava.

Não roubava coisa alguma, sendo o que se poderia chamar um clássico «Fiel»...

Gabiru era dotado de grande espírito de observação. Sabia quando a maré enchia ou vazava. Às vezes, fugia para terra e quando sentia necessidade de regressar não tinha grandes preocupações: saltava para o primeiro «tankar» conhecido, dos que faziam serviço para o navio, e esperava que este fôsse a bordo. Se a embarcação demorava a sair, atirava-se ao rio, mas sempre a favor da maré, para fazer a travessia com menor esforço. Muitas vezes surpreendiam o cão na margem, a olhar para a água, como quem está a calcular, lançando-se, finalmente, ao

rio. Quando chegava ao portaló da canhoneira, começava a latir, pedindo auxílio.

Que dizem os leitores a este *Gabiru*? Não será mais admirável do que muitos gabirus de dois pés que, infelizmente, todos nós mais ou menos temos conhecido?

Animais, nossos amigos! Para eles deve ir toda a nossa estima e simpatia. ⁽¹⁾

Estranha operação cirúrgica...

São tantos os fenómenos comprovativos da existência do mundo invisível, que não há direito de fechar os olhos para não vêr.

The Greater World de 2 de Setembro de 1939, insere um pequeno artigo de Miss Jane Menzies, presidente da Missão Light Within, de Brooklyn, em que descreve uma operação cirúrgica de que foi objecto e levada a efeito por médicos do invisível:

«Durante o mês de Julho deste ano — escreve Miss Jane — fui submetida a uma experiência física pelos que vivem no Além. Tratava-se do início duma operação renal.

«Levara muitos meses a sofrer horribes dores, a ponto de interromper a minha labuta diária. O mais leve esforço era muito pesado para mim, de modo que tive de recolher à cama. No princípio de Julho, encontrava-me, portanto, retida no leito; e um dia, por volta das doze horas, senti que ia mergulhar em profundo sono, embora mantendo a consciência do que se passava em torno de mim.

«Senti-me transportada para uma marquessa e verifiquei que me submetiam as costas a delicada intervenção cirúrgica. Médicos e enfermeiras cuidavam do meu rim esquerdo, espremendo-lhe rapidamente o pús e concluindo o seu trabalho sem proferir uma palavra. Foi experiência que nunca esquecerei.

«Fiquei imensamente impressionada e tive de adoptar as maiores precauções, visto que o outro rim se encontrava muito afectado e teria de sofrer igual tratamento, antes da necessária operação.

«Ao despertar do meu sono, vi que os espíritos curadores tinham levado mais de três horas no grato esforço de me restabelecer.

«Quando me levantei, notei ainda muitas dores no rim direito, mas o esquerdo, que sofrera a operação durante o sono, encontrava-se no estado normal e assim continuou».

(1) Este caso foi-nos contado por uma testemunha ocular que nos merece toda a confiança.

Por êsse mundo...

Esta succedeu a Mark-Twain...

O caso passou-se em 1858. Mark Twain teve um sonho tão vivo que, ao despertar, julgou que os episódios se haviam desenrolado na vida real. Sonhara que seu irmão Henrique jazia num ataúde de metal muito característico. No peito do morto, via-se um ramillete de rosas brancas com uma rosa vermelha no meio. Mark Twain estava tão convencido da realidade da cena, que se vestiu imediatamente, dirigindo-se para o local onde seu irmão estava morto. Só após cinquenta metros de caminhada se convenceu de que tudo aquilo fôra um sonho.

Duas semanas depois, a embarcação fluvial «Pensilvânia», em que Henrique viajava, foi destruída por uma explosão. Henrique sofreu queimaduras mortais.

Quando Mark Twain entrou na habitação onde o cadáver do irmão havia sido depositado, notou que tôdas as vítimas do acidente tinham sido colocadas em caixões de madeira, à excepção do irmão, que estava num de metal. Assombrado, dirigiu-se para o féretro, a fim de comprovar se, como vira em sonho, o corpo do irmão tinha no peito algum ramillete de rosas brancas com uma rosa vermelha no meio. O ramillete não existia. Contudo, enquanto ali permanecia, viu acercar-se uma velhinha com um ramo de flores bran-

cas, vendo-se uma única rosa vermelha no meio, e que colocou no peito do cadáver.

De «Constância»

Director de orquestra de onze anos idade

Lorin Maazel, de onze anos de idade, dirigiu em Nova-York a Orquestra Sinfónica de Verão, precisamente a mesma orquestra que Toscanini converteu numa das melhores do mundo. Antes do primeiro ensaio sob a direcção de Maazel, os músicos da orquestra chaceavam entre si, perguntando-se se o concerto seguinte seria dirigido por uma foca amestrada. Mas não zombaram mais. O menino-prodigio possuía dotes singulares, entre os quais o de conhecer de cór vinte e duas partituras sinfónicas, sem ter de recorrer ao texto, a não ser para citar, com exactidão, o número das algumas partes em que elas se compõem.

Antes de Maazel, só Mozart e Fritz Reiner souberam dirigir com proficiência uma orquestra para adultos. E Maazel demonstrou capacidade muito superior à que podia qualificar-se de «muito boa para uma criança». Com grande compreensão e talento musical, dirigiu a «Abertura do Rienzi», de Wagner, a «Sinfonia Italiana», de Mendelssohn, e uma obra escrita por uma sua amiguinha, Dika Newlin, quando tinha nove anos de idade.

Lorin Maazel nasceu em Neuilly, próximo de Paris, de pais norte-americanos. O seu progenitor era um professor de canto e levou-o a Los Angeles, onde Lorin aprendeu a tocar piano e violino. Interessou-se pela música sinfónica, quando seu pai lhe ofereceu uma partitura de Haydn, há cerca de quatro anos. Foi quando o levaram a Vladimir Bakaleinikoff, director da Sinfonia de Pittsburgh, o qual lhe começou a dar lições e continua a ser seu professor.

Nos últimos três anos, Lorin Maazel dirigiu sete orquestras, a melhor das quais, sem falar na Orquestra Sinfónica da National Broadcasting, era a Filarmónica de Los Angeles.

De «La Nation»

Explicação necessária

Constando que alguns indivíduos, sócios e não sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor, se estão a servir do nome desta colectividade para atingir objectivos estranhos, declara-se que a ninguém foram outorgados poderes ou dadas credenciais para defender o Centro em pleitos ou assembleias que, porventura, venham a realizar-se.

A direcção do Centro é a única entidade competente para tratar e resolver todos os assuntos que se prendam com a vida desta agremiação.

A DIRECÇÃO DO CENTRO E. LUZ E AMOR

Com ingenuidade assombrosa, ou coisa parecida, o conhecimento escolástico pretendeu apreender a essência do homem pelos caminhos periféricos da sua fisiologia, como se este fôsse um mecanismo que tivesse o dom de gerar idéias, vontade, sentimentos e demais valores espirituais. E, nesse sentido, a cultura do mundo civilizado dirigiu o destino da humanidade, sem notar que estava cega e que o homem ainda não tinha sido descoberto, apesar das suas manifestações visíveis no mundo exterior.

Só agora, que a psicologia transcende os limites do imanente, na esperança de alcançar as regiões da substância cósmica, de que partem todos os princípios, o homem começa a esclarecer-se, mostrando algumas facetas do seu conteúdo espiritual, cujo destino assinala à humanidade outros meios de existência e outros pensamentos.

A profundidade espiritual do homem, em que se terão de basear os verdadeiros pensadores, é que contém as futuras formas de civilização e não o seu exterior efêmero e transitório que dá corpo à cultura escolástica tão cheia de fealdade e injustiças e que hoje provoca crises na dor e na tragédia.

O homem deve ser descoberto. Suas manifestações morais são formas parciais do seu verdadeiro ser. A investigação fisiológica não alcançou tão alta conquista. Podemos dizer, então, que o Homem deve ser procurado pela investigação espiritual, mas não pela que se conforma com os métodos vagos, hipóteses e promessas, mas para que possa dizer: «Eis a verdade sobre o homem».

Esta missão de pesquisa corresponde ao pensamento espírita, porque seus vãos poderão sulcar mares desconhecidos, onde outros certamente sossobriariam.

As velas espíritas serão enfunadas por dois ventos: os do mundo material e os do mundo invisível. Mas esta embarcação que há de descobrir o homem precisa e merece intrépidos navegantes e decididos capitães que se não assustem com os abismos do mar, nem com os furores da borrasca. Descobrir o homem é organizar a humanidade em novas bases sociais e outra carta geográfica espiritual do planeta. Por isso, vale a pena fazer-se navegador, fiel à verdade e confiando no homem que se vai descobrir.

De «La Idea»

Noticiário

Referências e transcrições

A *Gazeta do Sul* referiu-se em termos penhorantes à nossa revista, o que muito agradecemos. Esta referência é tanto mais valiosa, quanto é certo provir dum semanário, cuja orientação e aspecto literário o colocam na vanguarda das publicações congêneres, quer portuguesas, quer estrangeiras.

Região de Leiria continua a inserir artigos do nosso colaborador Faure da Rosa, sob o título: «O inverosímil... acreditável». Transcreveu também de *Estudos Psíquicos* «Uma cura interessante», «Fenômenos inexplicáveis» e «Um caso excepcional». Gratos pelas transcrições feitas.

Psychic News, de Londres, transcreveu as informações que demos acerca do número de espíritas existentes no Brasil, segundo o último censo da população, referindo-se igualmente às obras sociais dos nossos confrades cariocas, avultando entre elas a construção do Hospital Pedro de Alcântara, num dos melhores sítios do Rio de Janeiro.

Grupo de curas «Reper-Siam»

Apesar de havermos desdobrado este Grupo, que passou a trabalhar às terças e sextas-feiras, é cada vez maior a afluência de doentes desiludidos da medicina.

Sabemos que há pessoas bem intencionadas que se admiram de não tornarmos extensivos a toda a gente os tratamentos ministrados no Centro Espiritualista Luz e Amor. Esquecem-se, porém, de que, se admitíssemos doentes não sócios, os sócios doentes não teriam vaga, quando necessitassem de tratamento. E, assim, verificando que os estranhos tinham maiores direitos que os sócios, estes acabariam por «requerer» a sua eliminação, afim de auferirem melhores benefícios...

¿Não acham interessante o paradoxo?

E o Centro prestes ficaria sem sede e sem doentes, reduzido à expressão mais simples que se pudesse imaginar.

Os grupos de curas organizaram-se com o fim de dar ao Centro maior vitalidade. Desde que se reconhecesse perquirirem fim oposto, o melhor seria extingui-los, pura e simplesmente.

Esta dos doentes entram pela porta, à medida que os sócios saíssem pela janela, faz-nos lembrar, em deficiente comparação, aquele matuto que vendeu a camisa e foi comprar o sabão... para a lavar...

Esperamos dar a conhecer, brevemente, alguns trabalhos de grande interesse para todos, comprovativos da vantagem do magnetismo animal aplicado à terapêutica.

«Natura»

Visitou-nos há pouco a revista *Natura*, dirigida por Bonifácio Antunes e tendo como redactores Luciano Silva e Napoleão Gonçalves. Revista de saúde e educação física, apresenta-se cheia de boa vontade

e de idéias sãs, disposta a promover a difusão do naturismo, através de todos os meios ao seu alcance. O 1.º e 2.º número vêm muito bem apresentados. A nova publicação, cuja sede é na Rua de S. Bernardo, n.º 84, Lisboa, apresentamos os nossos cumprimentos com votos de longa vida e merecidas prosperidades.

Os que nos deixam

Pelo nosso consócio e amigo Ricardo Lino Correia, de Vila Real de Santo António, soubemos da inesperada desencarnação de José Narciso Vieira, de Lagos, um dos mais acérrimos propagandistas do Espiritismo em Portugal e que há pouco ainda fundara, com outros amigos, a Sociedade Espirita de Lagos, a cuja direcção presidia. Narciso Vieira, que abraçara o Espiritismo em circunstâncias dolorosíssimas, era um verdadeiro cristão, um verdadeiro espirita, chegando, por vezes, a dar a própria roupa que vestia para agasalhar os desnudados. Muita gente em Lagos se lembrará dum anónimo que, vivendo modestamente, metia sobrescritos por baixo das portas, levando assim o indispensável a irmãos mais necessitados. Esse anónimo era Narciso Vieira, alma de eleição, que todos os confrades algarvios conheciam e veneravam.

Nós conheciamo-lo há muitos anos e muitos anos convivemos com êle. Era homem dinâmico, tão dinâmico, que chegou a dirigir cinco grupos espiritas, em dias alternados da semana, e concorreu para a normalização de muitos obsediados.

Editou a novela espirita «Nos dois mundos», recebida psicograficamente pelo médium Quintinha e que nós tivemos ocasião de rever, em provas tipográficas. A maior parte dos exemplares foram distribuídos gratuitamente, pois Narciso Vieira nada queria do seu esforço de propagandista.

Há pouco mais de dois meses, esteve no nosso Centro. Sempre o mesmo optimismo, a mesma boa disposição de espírito, a mesma fé acrisolada, a mesma esperança no futuro da Causa. Quando saiu, tencionava submeter-se a uma operação cirúrgica. Ignoramos se o desenlace teria tido origem neste facto. Desencarnou com mais de setenta anos. Que êle encontre no Além as compensações espirituais duma vida terrena cheia de abnegação e altruismo, são os votos de quem muito o admirou e lhe quis.

A Sociedade Espirita de Lagos, apresentamos os nossos protestos de solidariedade.

P. S. — Já depois de composta esta notícia, recebemos uma carta da Sociedade Espirita de Lagos, comunicando-nos a desencarnação de Narciso Vieira, motivada pela referida intervenção cirúrgica.

Assembléia Geral

Após terem sido remodelados os estatutos do Centro E. Luz e Amor, realizou-se em 30 de Junho a Assembléia Geral para efeito de eleições.

Foram eleitos por unanimidade os seguintes elementos, que passam a constituir os Corpos Gerentes, no triénio de 1942-45.

DIRECÇÃO

Isidoro Duarte Santos, Joaquim Estêvão Rodrigues, Ernesto de Macedo, Rufino Augusto Lopes Bragança e Damião Teixeira.

COMISSÃO DE CONTAS

João José Alves, António Alexandre e Joaquim Borges de Meneses.

ASSEMBLEIA GERAL

Sebastião Elviro Martins, Fernando da Cruz Ferreira, João José Pilar e Amadeu Alves Diniz.

SUBSTITUTOS

José Augusto Faure da Rosa, Henrique da Silva Horta, Eurico de Castro Graça Zuzarte, Guilherme Miguel Afonso, Mário Alpoim de Azevedo e Joaquim Dias.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

J. de Azevedo	100\$00
Dr. Fred	55\$00
Manuel de Araújo	15\$00
Total	170\$00

As nossas conferências

O nosso Centro continua a animar-se, mercê do concurso de bons amigos, sempre dispostos ao auxílio espontâneo e desinteressado.

Nos últimos dois meses, realizaram-se as seguintes conferências: «Espiritualismo místico ou científico?», pelo Dr. Fred; «Fenómenos espiritoídes», pelo coronel Faure da Rosa; «O Espiritismo emancipador da mulher», por Yvone de Sousa. Todas elas foram concorridas e demonstraram claramente a existência dum veemente desejo de progresso que estimula e impulsiona os dirigentes desta Casa, alicerçada sobre a rocha de convicções inabaláveis. Todas as conferências agradaram, especialmente a última, que trouxe da obra da mulher através dos tempos e que será publicada oportunamente.

Férias

Durante os meses de Agosto e Setembro próximos, ficarão interrompidos os trabalhos oficiais do Centro.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Julho de 1942

Dia 12, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 19, às 16 horas — Conferência pelo capitão José Gonçalves Losa, intitulada «Os habitantes do mundo astral».

Dia 26, às 16 horas — Sessão experimental a cargo do grupo Allan Kardec.

Um pedido

Leitor amigo: Se leres em jornais profanos qualquer coisa referente a Espiritismo, agradecemos que no-la envies, não esquecendo de mencionar a data e o nome da publicação.